

o beijo da noite



SHERRILYN KENYON

Tradução de Rita Guerra

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido

ATLÂNTIDA:

Terra de fábula. Mística. Dourada. Misteriosa. Gloriosa e mágica.

Há quem defenda que nunca existiu.

Mas também há quem pense que está seguro neste mundo moderno, repleto de tecnologia e armamento. Seguro em relação aos males antigos. Até acreditam que feiticeiros, guerreiros e dragões estão mortos há muito.

São tolos que se agarram à sua ciência e à sua lógica, pensando encontrar nelas a salvação. Nunca serão livres, nem estarão seguros, não enquanto se recusarem a ver o que se encontra mesmo à frente dos seus olhos.

Porque todos os antigos mitos e lendas estão enraizados na verdade e a verdade nem sempre nos liberta. Por vezes, escraviza-nos ainda mais.

Mas venham, meus belos, e ouçam-me contar uma história sobre o paraíso mais perfeito que alguma vez existiu.

Para lá dos míticos Pilares de Hércules, no grande Egeu, existiu outrora uma terra orgulhosa que gerou uma raça de homens muito mais avançados do que os que os antecederam ou seguiram.

Fundada nas névoas antigas do tempo pelo deus primordial, Archon, a Atlântida tomou o seu nome da irmã mais velha de Archon, Atlântia, cujo nome significa “graciosamente bela”. Archon conjurou a ilha com a ajuda do seu tio, o deus do oceano, Igor, e da sua irmã Eda (terra) para a ofertar à esposa Apollymi, para que pudessem povoar o continente com os seus filhos divinos, que assim teriam todo o espaço de que necessitavam para correr e crescer.

Apollymi chorou com tamanha alegria perante o seu presente que as suas lágrimas inundaram a terra e transformaram a Atlântida numa cidade dentro de uma cidade. Ilhas gémeas rodeadas por cinco canais de água.

Ali daria à luz os seus filhos imortais.

Mas em breve se descobriu que a grande Destruidora, Apollymi, era estéril. A pedido de Archon, Ydor falou com Eda e, juntos, criaram a raça dos atlantes para povoar as ilhas e trazer de novo a alegria ao coração de Apollymi.

Funcionou.

Louros e belos, em honra da deusa-rainha, os atlantes eram muito superiores a qualquer outra raça de homens. Só eles davam prazer a Apollymi e faziam sorrir a grande Destruidora.

Amantes da paz e justos, como os seus deuses antigos, os atlantes não conheciam a guerra. Nem a pobreza. Usavam as suas capacidades psíquicas e a magia para viver em harmonia dentro do equilíbrio da natureza. Acolhiam todos os estrangeiros que chegavam às suas costas e com eles partilhavam dádivas de cura e prosperidade.

Mas, à medida que o tempo foi passando, e outros panteões e povos se ergueram para os desafiar, os atlantes foram obrigados a lutar pela sua terra natal.

Para proteger o seu povo, os deuses atlantes entravam em constante conflito com o panteão grego inicial. Para eles, os gregos eram crianças que lutavam pela posse de coisas que não eram capazes de entender. Os atlantes tentaram lidar com eles como qualquer pai lidaria com um bebé zangado. Com justiça. Com paciência.

Mas os gregos não davam ouvidos à sua antiga sabedoria. Zeus e Poseidon, entre outros, sentiam ciúmes das riquezas e da serenidade atlante.

Contudo, era Apolo quem mais cobiçava a ilha.

Deus implacável e astuto, Apolo colocou em andamento um plano para tomar a Atlântida aos deuses mais antigos. Ao contrário do pai e do tio, sabia que os gregos jamais seriam capazes de derrotar os atlantes numa guerra aberta. Só a partir do interior poderia conquistar a antiga e avançada civilização.

Por isso, quando Zeus banuiu a raça guerreira de Apolo, os *apollite*, da sua Grécia natal, Apolo reuniu os seus filhos e guiou-os, através do mar, até às costas da Atlântida.

Os atlantes simpatizaram com a raça *apollite*, de capacidades psíquicas e semelhante aos deuses, que tinha sido perseguida pelos gregos. Encararam os *apollite* como primos e receberam-nos de braços abertos, na condição de respeitarem a lei atlante e não causarem disputas.

Publicamente, os *apollite* fizeram conforme lhes era dito. Sacrifica-

vam aos deuses atlantes, sem nunca quebrarem o seu pacto com o pai, Apolo. Todos os anos escolhiam entre eles a virgem mais bela e enviavam-na a Delfos, como oferta a Apolo pela bondade que revelara, dando-lhes um novo lar, onde um dia reinariam como deuses.

No ano 10.500 a.C., a bela aristocrata Clieto foi enviada a Delfos. Apolo sentiu, de imediato, amor por ela e fez-lhe cinco pares de gémeos.

Foi através da sua amante e dos seus filhos que anteviu o seu destino. Por fim, eles guiá-lo-iam ao trono da Atlântida.

Reenviou a amante e os filhos para a Atlântida, tendo estes casado dentro da família real atlante. Como os filhos mais velhos de Apolo tinham casado com os atlantes nativos e fundido as duas raças, tornariam mais fortes os seus filhos e o mesmo lhe aconteceria a ele. Só ele manteria pura a linhagem real para assegurar a força e a lealdade da coroa atlante para consigo.

Tinha planos para a Atlântida e para os seus filhos. Através deles, Apolo governaria toda a terra e derrubaria o pai, tal como este derrubara o antigo deus Cronos que o antecederia.

Dizia-se que o próprio Apolo visitava a rainha de cada nova geração e fazia nela um herdeiro atlante.

De cada vez que nascia um primogénito, Apolo visitava os seus oráculos para descobrir se seria aquele filho o que derrubaria os deuses atlantes.

Todos os anos lhe era dito que não.

Até 9548 a.C.

Como era seu hábito, Apolo visitou a rainha atlante, cujo rei falecera no ano anterior. Apareceu-lhe sob a forma de um fantasma e gerou nela o seu filho, enquanto ela dormia sonhando com o marido morto.

Foi, também, nesse ano que os deuses atlantes tomaram consciência do seu próprio destino. Pois a rainha dos deuses atlantes, Apollymi, descobriu-se grávida com o filho de Archon.

Depois de tantos séculos a desejar um filho, a Destruidora vira, por fim, o seu desejo concedido. Diz-se que, nesse dia, a ilha da Atlântida floresceu e conheceu maior prosperidade do que alguma vez conhecera. A deusa-rainha celebrou, alegremente, enquanto contava a novidade aos deuses.

Assim que as Parcas ouviram o seu anúncio, olharam para Apollymi e Archon e proclamaram que o filho por nascer de Apollymi traria a morte a todos eles.

Uma a uma, as três Parcas pronunciaram, à vez, uma das frases da profecia.

— O mundo como o conhecemos terminará.

— Nas suas mãos se encontra o Destino de todos nós.

— Como deus, todos os seus caprichos reinarão supremos.

Aterrorizado pela previsão, Archon ordenou à esposa que matasse o filho por nascer.

Apollymi recusou. Tinha esperado durante demasiado tempo pelo seu filho para o ver desnecessariamente morto, devido às palavras das Parcas invejosas. Com a ajuda da irmã, deu prematuramente à luz o seu filho e escondeu-o no mundo mortal. A Archon entregou um bebé de pedra.

— Estou cansada das tuas infidelidades e mentiras, Archon. Deste dia em diante endureceste o meu coração em relação a ti. Um bebé de pedra é tudo o que receberás de mim.

Enraivecido, Archon aprisionou-a em Kalosis, um reino subterrâneo entre este mundo e o deles.

— Aí ficarás até à morte do teu filho.

E, assim, os deuses atlantes voltaram-se contra a irmã de Apollymi até lhe terem arrancado uma confissão.

— Ele nascerá quando a Lua engolir o Sol e a Atlântida estiver banhada na escuridão absoluta. A sua mãe real chorará de medo face ao seu nascimento.

Os deuses visitaram a rainha atlante cujo nascimento do filho estava iminente. Como previsto, a Lua eclipsou o Sol, enquanto ela lutava para dar à luz, e, quando o filho nasceu, Archon exigiu que o bebé fosse morto.

A rainha chorou e implorou pela ajuda de Apolo. Decerto o amante não permitiria que o seu filho fosse morto pelos deuses antigos.

Mas Apolo ignorou-a e ela assistiu, impotente, enquanto o recém-nascido era morto perante os seus próprios olhos.

O que a rainha não sabia era que Apolo já tinha sido avisado do que ia acontecer e que não era o seu filho que ela carregava, mas uma outra criança que aquele lhe colocara no ventre para salvar o filho.

Com a ajuda da irmã, Ártemis, Apolo tinha levado o filho para Delos, tendo o rapaz sido criado entre as sacerdotisas de Apolo.

À medida que os anos iam passando e Apolo não regressava à rainha atlante para lhe gerar um novo herdeiro, o ódio dela ia crescendo. Desprezava o deus grego que não se dava ao trabalho de lhe dar um filho para substituir aquele que perdera.

Vinte e um anos depois de ter testemunhado o sacrifício do seu único filho, a rainha ficou a saber da existência de uma outra criança, filha do deus grego Apolo.

Esta nascera de uma princesa grega que tinha sido dada ao deus como oferenda, na esperança de ganhar as bênçãos do deus para os gregos que se encontravam em guerra com os atlantes.

Mal a notícia chegou aos ouvidos da rainha, a sua amargura cresceu bem fundo, dentro de si, até uma onda a ter varrido.

Convocou a sua própria sacerdotisa para lhe perguntar onde podia ser encontrado o herdeiro do seu império.

— O herdeiro da Atlântida reside na casa de Aricles.

A mesma casa onde o novo filho pequeno de Apolo tinha nascido.

A rainha gritou, ultrajada, perante tal proclamação, sabendo que Apolo tinha traído o seu próprio filho. Tinham sido esquecidos, enquanto o deus forjava uma nova raça para os substituir.

Chamando os seus guardas pessoais, a rainha enviou-os à Grécia, para se assegurar de que a amante de Apolo e o seu filho eram mortos. Jamais permitiria que um deles se sentasse no seu amado trono.

— Não se esqueçam de os estraçalhar para que os deuses acreditem ter-se tratado da obra de um animal selvagem. Não quero que venham às nossas praias em busca dos autores de tal feito.

Mas, como todos os atos de vingança, também este foi descoberto.

De coração partido e sem pensar, Apolo amaldiçoou aquela que fora, um dia, a raça por si escolhida.

— Uma praga para todos os que nascerem *apollite*. Que colham tudo aquilo que semearam neste dia. Nenhum de vós viverá para lá da idade da minha preciosa Ryssa. Morrerão de forma dolorosa no dia do vosso vigésimo sétimo aniversário. Porque agiram como animais, tornar-se-ão iguais a eles. Que encontrem alimento apenas no sangue dos da vossa espécie. E que não mais sejam capazes de andar no meu reino, onde vos veria e seria forçado a recordar aquilo que fizeram para me trair.

Já a maldição tinha sido pronunciada quando Apolo se lembrou do seu próprio filho, que se encontrava em Delfos. Um rapaz que ele tinha tolamente condenado, juntamente com os outros.

Pois, uma vez pronunciadas, tais palavras não mais poderiam ser desfeitas.

Mas, acima de tudo, semeara as sementes da sua própria destruição. No dia do casamento do filho com a sua sumo-sacerdotisa mais amada, Apolo entregara-lhe tudo aquilo que mais amava na vida.

— Nas tuas mãos guardas o meu futuro. O teu sangue é o meu e é através de ti e dos teus futuros filhos que vivo.

Com aquelas palavras vinculativas, e num assomo de raiva, Apolo condenara-se à extinção. Pois, uma vez terminada a linhagem do seu filho, o mesmo aconteceria a Apolo e, com ele, ao próprio Sol.

Sabem, é que Apolo não é apenas um deus. Ele é a essência do Sol e guarda nas mãos o equilíbrio do universo.

No dia em que Apolo morrer, também a Terra morrerá, bem como todos os que sobre ela vivem.

Corre agora o ano de 2003 d.C. e só resta um descendente de Apolo, que carrega em si o sangue do deus antigo...

Capítulo

UM

FEVEREIRO, 2003
ST. PAUL, MINNESOTA

— **OH**, querida, alerta de *grande* pão! Às três horas.

Cassandra Peters riu perante o tom cheio de luxúria de Michelle Avery enquanto se voltava, no bar apinhado, para ver um homem de aspeto normal e cabelo escuro que fitava o palco onde a sua banda local preferida, os Twisted Hearts, estava a tocar.

Movendo-se ao som da música, enquanto bebia um Long Island Iced Tea, Cassandra estudou-o por um minuto.

— É um Homem *Leite* — decidiu, depois de realizar uma análise atenta dos seus “atributos” que incluíam aspeto físico, porte e farpela de lenhador. Michelle abanou a cabeça.

— Não, senhora, é uma *Bolacha*, sem dúvida.

Cassandra sorriu, considerando o seu sistema de avaliação, que se baseava em coisas que um determinado homem seria autorizado a levar para a cama sem ser corrido. Homem Leite significava que o tipo era atracente de uma forma fora do comum e que poderia levar um copo de leite para a cama, sempre que quisesse. Bolachas eram um degrau acima e Biscoitos eram deuses.

Mas o ponto mais alto no que dizia respeito a atratividade era o Donut com açúcar em pó. Um donut com açúcar em pó não só sujava tudo como violava a sua mentalidade de dieta perpétua e implorava a uma mulher que o mordesse.

Até à data, nenhuma delas tinha encontrado um Donut com açúcar em pó de carne e osso, mas estavam bastante esperançosas.

Michelle bateu nos ombros de Brenda e Kat e apontou sorratamente para um homem que estava a admirar.

— Biscoito?

Kat abanou a cabeça.

— Bolacha.

— Sem dúvida, Bolacha.

— Oh, o que é que vocês sabem? Tu tens namorado — disse Michelle a Brenda, enquanto a banda parava de tocar e fazia uma pausa. — Caramba, vocês são tão críticas.

Cassandra voltou a olhar para o tipo, que estava a falar com o amigo e a beber uma cerveja pela garrafa. Não fazia o seu coração bater mais forte, mas poucos homens tinham nela esse efeito. Ainda assim, tinha modos suaves e abertos e um sorriso agradável e amigável. Podia ver porque é que Michelle gostava dele.

— De qualquer maneira, porque é que te importas com o que nós pensamos? — perguntou a Michelle. — Se gostas dele, vai lá e apresenta-te.

Michelle ficou horrorizada.

— Não posso fazer isso!

— Porque não? — perguntou Cassandra.

— E se ele me achar gorda ou feia?

Cassandra revirou os olhos. Michelle era uma morena muito magra, que estava bem longe de ser feia.

— A vida é demasiado curta, Michelle. Demasiado curta. Tanto quanto sabes, pode ser o homem dos teus sonhos, mas se ficares aqui, a babar-te sem agir, nunca descobrirás.

— Deus — sussurrou Michelle —, como invejo essa tua atitude de viver o momento. Mas não consigo.

Cassandra agarrou-a pela mão e puxou-a através da multidão, até junto do homem que a amiga estivera a admirar.

Tocou-lhe no ombro.

Sobressaltado, ele voltou-se.

Os seus olhos abriram-se quando os ergueu para Cassandra. Com um metro e oitenta e cinco, ela estava habituada a ser considerada um acidente da natureza. Mas o homem não parecia ofendido pelo facto de ela ter mais uns cinco centímetros que ele, o que abonava em seu favor.

Ele baixou os olhos para Michelle, que tinha uma altura normal: um metro e sessenta e dois.

— Olá — disse Cassandra, voltando a atrair para si o seu olhar. — Estou a fazer um breve inquérito. És casado?

Ele franziu o sobrolho.

— Não.

— Andas com alguém?

Ele dirigiu ao amigo um olhar perplexo.

— Não.

— És *gay*?

Ele ficou de queixo caído.

— Desculpa?

— Cassandra! — exclamou Michelle.

Ela ignorou-os aos dois e agarrou a mão de Michelle com força, quando a amiga tentou fugir.

— Gostas de mulheres, sim?

— Sim — respondeu ele, parecendo ofendido.

— Ótimo, porque aqui a minha amiga Michelle acha que és excepcionalmente engraçado e gostava de te conhecer. — Puxou Michelle, colocando-a entre ambos. — Michelle, este é o...

Ele sorriu quando o seu olhar se cruzou com o olhar atordoado de Michelle.

— Tom Cody.

— Tom Cody — repetiu Cassandra. — Tom, esta é a Michelle.

— Olá — disse ele, estendendo-lhe a mão.

Pela expressão de Michelle, Cassandra podia ver que a amiga não sabia ao certo se deveria estrangulá-la ou agradecer-lhe.

— Olá — disse Michelle, apertando-lhe a mão.

Sentindo-se segura de que os dois eram semicompatíveis e que ele não mordida no primeiro encontro, Cassandra deixou-os e voltou para junto de Brenda e Kat, que a olhavam incrédulas e de bocas bem abertas.

— Não acredito que acabaste de lhe fazer aquilo — disse Kat, assim que Cassandra se voltou a juntar a elas. — Mais tarde, ela vai matar-te.

Brenda encolheu-se.

— Se alguma vez me fizeres uma coisa destas, eu mato-te *mesmo*.

Kat passou um braço por cima dos ombros de Brenda e deu-lhe um abraço carinhoso.

— Podes gritar com ela o quanto quiseres, querida, mas não posso deixar que *tu* a mates.

Brenda riu perante o comentário de Kat, sem saber que esta falava com o coração. Ela era a guarda-costas secreta de Cassandra e já estava com ela há cinco anos. Um recorde. A maior parte dos guarda-costas de Cassandra permaneciam no seu posto durante cerca de oito meses.

Ou acabavam mortos ou desistiam assim que percebiam exatamente o quê e quem estava atrás dela. Na sua opinião, nem a quantia exorbitante paga pelo pai dela para a manter viva compensava o risco.

Mas não Kat. Tinha mais tenacidade e ousadia do que qualquer ou-

tra pessoa que Cassandra já tivesse conhecido. Já para não falar no facto de Kat ser a única mulher mais alta do que ela que Cassandra alguma vez conhecera. Com um metro e noventa e três e uma beleza espantosa, Kat causava uma grande impressão onde quer que entrasse. O cabelo louro caía-lhe logo abaixo dos ombros e tinha olhos tão verdes que não pareciam reais.

— Sabes — disse Brenda a Cassandra, enquanto observavam Tom e Michelle a falar e a rir. — Daria qualquer coisa para ter a tua confiança. Nunca duvidas de ti mesma?

Cassandra respondeu com sinceridade:

— Constantemente.

— Nunca o mostras.

Isso era porque, ao contrário das suas companheiras, havia mais do que uma pequena hipótese de que Cassandra só tivesse mais oito meses para viver. Não se podia dar ao luxo de ter medo, ser assustadicha ou tímida em relação à vida. O seu mote era agarrar tudo com ambas as mãos e seguir em frente.

Mas a verdade é que toda a sua vida tivera de fugir. Fugir daqueles que a matariam se tivessem essa oportunidade.

Mas, acima de tudo, fugir do seu destino, esperando, de alguma forma, ser capaz de escapar ao inevitável.

Embora tivesse viajado pelo mundo desde os seus seis anos de idade, não estava mais perto de descobrir a verdade sobre a sua herança do que a mãe estivera.

Ainda assim, com cada amanhecer sentia-se esperançosa. Esperançosa de que alguém lhe dissesse que a sua vida não teria de terminar no seu vigésimo sétimo aniversário. Esperançosa de que fosse capaz de ficar num qualquer lugar durante mais do que alguns meses ou mesmo dias.

— *Hub-ba!* — disse Brenda, os olhos bem abertos enquanto fitava a entrada. — Acho que acabei de encontrar os nossos biscoitos! E, minhas senhoras, são *três*.

Rindo face ao tom espantado, Cassandra voltou-se e viu três homens incrivelmente sensuais entrarem no bar. Todos tinham bem mais de um metro e oitenta de altura, pele e cabelo dourados, e eram lindos de morrer.

O seu riso morreu, de imediato, quando sentiu um horrível e doloroso formigueiro percorrê-la. Tratava-se de uma sensação que lhe era demasiado familiar.

Uma sensação que enchia o seu coração de terror.

Vestidos com camisolas, calças de ganga e casacos de esqui dispendiosos, os três homens analisaram os ocupantes do bar como os predadores

mortíferos que eram. Cassandra tremeu. As pessoas que se encontravam no bar não faziam ideia do enorme perigo em que se encontravam.

Nenhuma delas.

— Oh, Deus meu. . .

— Hei, Cass — disse Brenda. — Vai-me apresentar a *eles*.

Cassandra abanou a cabeça, ao mesmo tempo que cruzava o olhar com o de Kat, para a avisar. Tentou empurrar Brenda para longe dos homens e para fora do seu campo de visão escuro e esfomeado.

— Eles só trazem problemas, Bren. *Grandes* problemas.

A única virtude de ser parte *apollite* era a sua capacidade de identificar outros da espécie da sua mãe. E algo no seu íntimo lhe disse que aqueles homens que avançavam através da multidão, olhando para as mulheres com sorrisos sedutores, já não eram simples *apollite*.

Eram *daemon*: um tipo de *apollite* violento que escolhia prolongar a sua vida matando seres humanos e roubando as suas almas.

O seu carisma *daemon*, singular e poderoso, e a sua fome de almas jorravam de cada poro do seu corpo.

Estavam ali em busca de vítimas.

Cassandra engoliu o pânico. Tinha de encontrar uma forma de sair dali antes que eles se aproximassem demasiado dela e descobrissem quem ela era na verdade.

Procurou a pequena pistola que tinha na mala e olhou à sua volta, em busca de uma saída.

— Pelas traseiras — disse Kat, puxando-a na direção das traseiras do bar.

— O que é que se passa? — perguntou Brenda.

De súbito, o mais alto dos *daemon* estacou.

Voltou-se para olhar para elas.

Os seus olhos de aço semicerraram-se sobre Cassandra com um interesse intenso e ela podia senti-lo a tentar penetrar na sua mente. Bloqueou a intromissão, mas era tarde de mais.

Ele agarrou nos braços dos amigos e inclinou a cabeça na direção delas.

Raios. Que gaita.

Ela bem o sabia.

Com a quantidade de gente que se encontrava no bar, não podia abrir fogo sobre eles e o mesmo se passava com Kat. As granadas estavam no carro e optara por deixar os punhais debaixo do assento.

— Agora seria uma boa altura para teres os teus *sais* contigo, Kat.

— Népia. Tens os teus *kamas*?

— Sim — disse ela sarcasticamente, pensando nas suas armas que

se pareciam com pequenas gadanhas. — Enfiei-os no soutien antes de sair de casa.

Sentiu Kat enfiar-lhe algo frio na mão. Olhando para baixo, viu o leque de combate, *uchiwa*, fechado. Feito de aço, o leque era aguçado de um dos lados, o que o tornava tão perigoso como uma faca Ginsu. Dobrado e com apenas vinte e oito centímetros, parecia um inócuo leque japonês mas, nas mãos de Kat ou Cassandra, era letal.

Cassandra agarrou o leque com mais força, enquanto Kat a puxava na direção do palco onde se encontrava uma saída de emergência. Voltaram a embrenhar-se na multidão perto da saída, afastando-se dos *daemon* e afastando-se de Brenda antes que a colocassem em perigo por se encontrar por perto quando os *daemon* atacassem.

Praguejou contra a altura de ambas, quando se apercebeu que não tinham como se esconder. Não havia como impedir que os *daemon* as vissem, mesmo por entre a multidão compacta, quando tanto ela como Kat se erguiam mais altas do que qualquer outra pessoa.

Kat estacou quando um outro homem, alto e louro, lhe barrou o caminho.

Dois segundos depois, gerou-se o caos no lado do bar onde se encontravam, enquanto ambas tomavam consciência de que havia mais de três *daemon* no bar.

Encontravam-se ali, pelo menos, uma dúzia deles.

Kat empurrou Cassandra na direção da entrada, depois deu um pontapé no *daemon*, lançando-o para cima de um grupo de pessoas que gritou e guinchou face à perturbação.

Cassandra abriu o leque quando um outro *daemon* se lançou a ela com uma faca de caça. Prendeu a lâmina entre as ripas e torceu-a, arrancando-a da mão dele, depois usou a faca para apunhalar o *daemon* no peito.

Ele desintegrou-se instantaneamente.

— Vais pagar por isto, cabra — rosou outro dos *daemon*, enquanto a atacava.

Vários homens que ali se encontravam avançaram para a ajudar, mas os *daemon* depressa acabaram com eles, ao mesmo tempo que outros possíveis protetores corriam para as saídas.

Quatro *daemon* rodearam Kat.

Cassandra tentou chegar até ela, para a ajudar na luta, mas não conseguiu. Um dos *daemon* apanhou a sua guarda-costas com um golpe violento que lançou Kat contra uma parede próxima.

Kat embateu contra ela com um baque surdo, depois caiu ao chão, num monte. Cassandra queria ajudá-la, mas a melhor forma de o fazer era levando os *daemon* para o exterior do bar e para longe da amiga.

Voltou-se para fugir, apenas para descobrir mais dois *daemon* logo atrás dela.

A colisão dos seus corpos distraiu-a o suficiente para que um dos *daemon* fosse capaz de lhe arrancar a faca e o leque das mãos.

Depois envolveu-a com um braço para a impedir de cair.

Alto, louro e belo, o *daemon* tinha uma estranha aura sexual que puxava na sua direção todas as coisas femininas. Era essa essência que lhes permitia caçar os seres humanos de forma tão eficiente.

— Vais a algum lado, princesa? — perguntou, tomando os pulsos dela nas suas mãos e impedindo-a de lutar por uma arma.

Cassandra tentou falar, mas os olhos profundos e escuros dele mantinham-na completamente cativa. Sentiu os poderes dele penetrarem na sua mente, atordoando a sua capacidade para fugir.

Os outros aproximaram-se.

Ainda assim, o que se encontrava à sua frente, mantinha-lhe as mãos nos pulsos, o olhar enfeitiçante fixo no dela.

— Bem, bem — disse o mais alto, enquanto passava um dedo frio ao longo do pescoço dela. — Esta noite, quando saí para comer, a última coisa que esperava encontrar era a nossa herdeira perdida.

Ela afastou a cabeça do toque dele, com um movimento brusco.

— Matar-me não vai libertar-te — disse ela. — É apenas um mito.

O que a segurava voltou-a para que ela encarasse o seu líder.

O líder *daemon* riu.

— Não somos todos? Pergunta a qualquer ser humano neste bar se os vampiros existem e o que é que te dizem? — Passou a língua sobre os seus longos dentes caninos enquanto a olhava, malévolo. — Agora, vem lá para fora e morre sozinha, ou alimentar-nos-emos das tuas amigas.

Fez deslizar o seu olhar predatório sobre Michelle, que se encontrava suficientemente longe e ainda tão encantada com Tom que nem sequer estava consciente de ter ocorrido uma luta do outro lado do grande e repleto bar, no local onde Cassandra se encontrava.

— A morena é forte. Só a sua alma deverá sustentar-nos durante pelo menos seis meses. Quanto à loura. . .

O seu olhar deslizou para o local onde Kat jazia, rodeada por humanos que não pareciam perceber como ela se magoara. Sem dúvida que os *daemon* estavam a usar os seus poderes para toldar as mentes dos seres humanos que se encontravam à sua volta para os impedir de interferir.

— Bem — continuou ele ominosamente —, uma guloseima nunca fez mal a ninguém.

Agarrou-a pelo braço, ao mesmo tempo que o *daemon* que a segurava antes a largava.

Sem qualquer desejo de avançar calmamente para a sua morte, Cassandra regressou ao seu treino duro e intensivo. Avançou para os braços do *daemon* que se encontrava atrás dela e desceu o calcanhar sobre o seu pé.

Ele praguejou.

Enterrou o punho no estômago do *daemon* que se encontrava à sua frente, depois correu entre os outros dois e avançou para a porta.

Com a sua velocidade inumana, o mais alto dos *daemon* intercetou-a a meio do caminho. Um sorriso cruel curvou-lhe os lábios enquanto a obrigava a parar com violência.

Ela esperneou mas ele impediu-a de o magoar.

— Não faças isso. — A voz profunda era enfeitiçante e estava repleta de promessas de danos letais caso ela lhe desobedecesse.

Várias foram as pessoas no bar que se voltaram para olhar para eles, mas bastou um olhar malévolo do *daemon* para que se afastassem.

Ninguém a ajudaria.

Ninguém se atrevia.

Mas aquilo ainda não tinha terminado. Ela nunca se renderia.

Antes que pudesse voltar a atacar, a porta da frente abriu-se com uma rajada ártica.

Como se sentisse algo mais maléfico do que ele próprio, o *daemon* voltou a cabeça na direção da porta.

Os olhos abriram-se-lhe em pânico.

Cassandra voltou-se para ver o que o mantinha preso e também ela foi incapaz de afastar o olhar.

O vento e a neve giravam, na entrada, em redor de um homem que se erguia com, pelo menos, um metro e noventa e oito.

Ao contrário da maior parte das pessoas que saíam para a rua com uma temperatura de doze graus negativos, o recém-chegado envergava apenas um longo casaco de cabedal que ondulava ao vento. Tinha uma camisola preta, botas de *motard* e umas calças de cabedal pretas, justas, que abraçavam um corpo esguio e duro que a chamava com loucas promessas sexuais.

Tinha o andar confiante e mortal de um homem que sabia não ter igual. De um homem que desafiava o mundo a tentar enfrentá-lo.

Era o andar de um predador.

E fazia o sangue dela gelar-lhe nas veias.

Se tivesse o cabelo louro, ela tê-lo-ia tomado por outro *daemon*. Mas aquele homem era algo completamente diferente.

O cabelo negro, pelos ombros, tinha sido impelido pelo vento, para longe de um rosto perfeitamente esculpido que fazia com que o coração

dela batesse acelerado. Os olhos pretos eram frios. De aço. O rosto exibia uma expressão composta e impassível.

Nem bonito, nem feminino, o homem era um tal Donut com açúcar em pó que ela nem sequer o obrigaria a partilhar o doce uma vez na sua cama!

Tenso como um dispositivo localizador, e ignorando a multidão que se encontrava no bar, o recém-chegado varreu o espaço com o olhar negro e mortal, saltando de um *daemon* para o seguinte, até ter parado no que se encontrava ao lado dela.

Um sorriso lento e maléfico espalhou-se pelo rosto esbelto, exibindo uma ligeira sugestão de presas.

Dirigiu-se diretamente para eles.

O *daemon* praguejou, depois colocou-a à sua frente.

Cassandra debateu-se até ele ter retirado uma arma do bolso e lha ter encostado à têmpora.

O bar encheu-se de gritos e berros, enquanto as pessoas corriam em busca de abrigo.

Os outros *daemon* moveram-se, colocando-se ao lado do líder, no que parecia ser uma formação de combate.

O recém-chegado soltou uma gargalhada grave e sinistra, enquanto os avaliava. A luz nos seus olhos negros dizia a Cassandra o quanto ele ansiava por aquela luta.

Era um olhar que, na verdade, os incitava.

— Má forma de tomar um refém — disse ele com uma voz profunda, de pronúncia suave, que ribombava como um trovão. — Especialmente quando sabem que vos vou matar na mesma.

Num instante, Cassandra soube o quê, e quem, era o recém-chegado.

Tratava-se de um Predador da Noite: um guerreiro imortal que passava a eternidade a caçar e executar os *daemon* que se alimentavam de almas humanas. Aqueles eram os defensores da humanidade e a personificação do Diabo para o povo dela.

Durante toda a sua vida ouvira falar deles mas, tal como em relação ao bicho-papão, atribuíra-os a lendas urbanas.

No entanto, o homem que se encontrava à sua frente não era fruto da sua imaginação. Era real e parecia tão mortal como nas histórias que tinha ouvido.

— Sai do meu caminho, Predador da Noite — disse o *daemon* que a agarrava —, senão mato-a.

Parecendo divertido com a ameaça, o Predador da Noite abanou a cabeça como um pai que repreende uma criança zangada.

— Sabes, devias ter ficado no teu refúgio mais um dia. Hoje é noite de *Buffy* e, ainda por cima, vai dar um episódio novo.

O Predador da Noite parou para suspirar com irritação.

— Fazes a *mínima* ideia de como me deixa zangado o facto de ter de sair neste frio gélido para te matar, quando podia estar em casa, bem quentinho, a ver a Sarah Michelle Gellar lutar com um top de alças?

Os braços do *daemon* tremiam enquanto segurava Cassandra com mais força.

— Apanhem-no!

Os *daemon* atacaram em conjunto. O Predador da Noite apanhou o primeiro pela garganta. Num único movimento fluido, ergueu o *daemon* e lançou-o contra a parede onde o segurou com firmeza.

O *daemon* choramingou.

— O que é que tu és, um bebé? — perguntou o Predador da Noite. — Caramba, se vão matar seres humanos, o mínimo que podiam fazer era aprender a morrer com alguma dignidade.

Um segundo *daemon* lançou-se às suas costas. Enquanto o Predador da Noite torcia a parte inferior do corpo, uma lâmina longa e de aspeto feroz emergiu da biqueira da bota. Enterrou a lâmina no centro do peito do *daemon*.

O *daemon* desfez-se, instantaneamente, numa explosão de pó.

O *daemon* que o Predador da Noite segurava mostrou os longos dentes caninos enquanto o tentava morder e pontapear. O Predador da Noite lançou-o para os braços de um terceiro *daemon*.

Ambos cambalearam para trás e caíram no chão, um por cima do outro.

O Predador da Noite abanou a cabeça aos dois *daemon* que tropeçavam um no outro enquanto se tentavam levantar.

Mais atacaram e ele abriu caminho através deles com uma facilidade que era tão assustadora como morbidamente bela.

— Vamos lá, onde é que aprenderam a lutar? — perguntou, enquanto matava mais dois. — Na Escola para Raparigas da *Miss Manners*? — Sorriu com desprezo aos *daemon*. — A minha irmã mais nova conseguia bater com mais força do que vocês, quando tinha três anos. Raios, se se vão transformar em *daemon*, o mínimo que podiam fazer era ter algumas lições de combate, para que pudessem tornar mais interessante o meu entediante trabalho. — Suspirou, cansado, e ergueu os olhos para o teto. — Onde andam os Spathi quando precisamos deles?

Enquanto o Predador da Noite estava distraído, o *daemon* que a segurava afastou-lhe a arma da têmpora e disparou contra ele quatro tiros.

O Predador da Noite voltou-se muito lentamente na sua direção.

Com a fúria a descer sobre o rosto, fitou o *daemon* que disparara.

— Não tens honra? Nem decência? Nem uma porcaria de um cérebro? Não me consegues matar com balas. Só me consegues irritar.

Olhou para baixo, para as feridas no flanco, que sangravam, depois afastou o casaco de tal forma que a luz brilhou através dos buracos no cabedal. Voltou a praguejar.

— E acabaste de estragar o meu casaco preferido!

O Predador da Noite rosnou ao *daemon*.

— Por isso, vais morrer!

Antes que Cassandra se conseguisse mexer, o Predador da Noite eliminou a distância entre eles, agarrou o pulso do *daemon* e torceu-lhe o antebraço.

Ela cambaleou para longe do *daemon* e encostou-se a uma jukebox avariada, fora do caminho deles.

Com uma mão ainda no braço do *daemon*, o Predador da Noite agarrou nele pela garganta e ergueu-o do chão. Desenhando um arco gracioso, atirou o *daemon* contra uma mesa. Os copos estilhaçaram-se sob o peso do *daemon*. A arma caiu no chão de madeira com um baque frio e metálico.

— A tua mãe não te ensinou que a única forma de nos matares é cortando-nos aos bocados? — perguntou o Predador da Noite. — Devias ter trazido uma máquina de corte de madeira, em vez de uma arma.

Fitou o *daemon*, que lutava de forma desesperada por se libertar.

— Agora, vamos tratar de libertar as almas humanas que roubaste.

O Predador da Noite tirou da bota uma *butterfly*, girou-a para a abrir, e enterrou-a no peito do *daemon*.

O *daemon* apodreceu instantaneamente, não deixando nada para trás.

Os últimos dois correram para a porta.

Não conseguiram ir muito longe antes que o Predador da Noite retirasse um conjunto de facas de arremesso do interior do casaco e as lançasse pelo ar, com uma precisão letal, acertando nas costas dos assassinos em fuga. Os *daemon* explodiram e as facas caíram no chão, ominosamente.

Com uma calma inacreditavelmente deliberada, o Predador da Noite avançou para a saída. Parou apenas durante o tempo suficiente para apanhar as facas do chão.

Depois partiu, tão rápida e silenciosamente quanto tinha chegado.

Cassandra lutou para respirar, enquanto as pessoas que se encontravam no bar saíam dos seus esconderijos e perdiam as estribeiras. Felizmente, até Kat se levantou e cambaleou na sua direção.

As amigas aproximaram-se dela a correr.

— Estás bem?

— Viste o que ele fez?

- Pensei que ias morrer!
- Graças a Deus, ainda estás viva!
- O que é que eles queriam contigo?
- Quem eram aqueles tipos?
- O que é que lhes aconteceu?

Ela quase não ouvia as vozes que lhe chegavam aos ouvidos com tal rapidez e tão misturadas que nem sequer conseguia distinguir quem perguntava o quê. A mente de Cassandra estava ainda no Predador da Noite que tinha ido em seu auxílio. Porque se dera ao trabalho de a salvar?

Tinha de saber mais sobre ele...

Antes que pudesse pensar duas vezes, Cassandra correu atrás dele, procurando por um homem que não devia ser real.

No exterior, o som das sirenes enchia o ar e aumentava de forma progressiva. Alguém no bar devia ter chamado a Polícia.

O Predador da Noite já se encontrava a meio do quarteirão seguinte quando ela o conseguiu alcançar e deter com um puxão.

De rosto impassível, ele baixou sobre ela os olhos profundos e negros. Olhos tão negros que ela não conseguia distinguir as pupilas. O vento agitava-lhe o cabelo em redor do rosto esculpido e a nuvem da sua respiração uniu-se à dela.

A temperatura estava gélida, mas a presença dele aqueceu-a de tal forma que nem sentia o frio.

— O que é que vais fazer em relação à Polícia? — perguntou ela. — Irão à tua procura.

Um sorriso amargo repuxou os cantos dos lábios dele.

— Dentro de cinco minutos, nenhum ser humano que se encontre naquele bar se lembrará de me ter visto.

As palavras dele surpreenderam-na. Seria aquilo verdade para todos os Predadores da Noite?

— Também eu te esquecerei?

Ele acenou.

— Nesse caso, obrigada por me teres salvado a vida.

Wulf parou. Era a primeira vez que alguém lhe agradecia por ser um Predador da Noite.

Fitou os fartos caracóis louros-acobreados que lhe caíam desordenados e em cascata em redor do rosto oval. Usava o longo cabelo preso numa trança que lhe descia pelas costas. E os olhos verdes-avelã brilhavam de vitalidade e calor.

Embora não fosse extraordinariamente bela, as suas feições tinham um encanto calmo, convidativo e tentador.

Contra a sua vontade, estendeu uma mão para lhe tocar no maxilar, logo abaixo da orelha. Mais macia do que o veludo, a sua pele delicada aqueceu-lhe os dedos frios.

Já se passara tanto tempo desde a última vez em que tocara numa mulher.

Tanto tempo desde a última vez em que provara uma mulher.

Antes que o conseguisse evitar, inclinou-se e tomou, com os seus, os lábios apartados dela.

Wulf rosnou ao sentir o sabor dela, enquanto o seu próprio corpo despertava para a vida. Nunca provara nada mais doce do que o mel da boca dela. Nunca cheirara nada mais inebriante do que o limpo aroma a rosas da sua pele.

A língua dela dançou com a sua, enquanto ela lhe agarrava os ombros com as mãos, puxando-o para mais perto de si. Ele ficou duro e hirto, ao pensar como o corpo dela deveria ser macio noutros locais.

E, nesse momento, desejou-a com uma urgência que o espantou. Tratava-se de um desejo desesperado que ele já não sentia há muito, muito tempo.

Os sentidos de Cassandra rodopiaram perante o inesperado contacto dos lábios de ambos. Nunca conhecera nada que se assemelhasse ao poder e à fome do beijo dele.

A sua pele retinha o cheiro a sândalo e ele sabia a cerveja e masculinidade indomada e selvagem.

Bárbaro.

Era a única palavra para o descrever.

Os braços dele envolveram-na, enquanto varria com mestria a sua boca.

Ele não era apenas mortífero para os *daemon*. Era igualmente mortífero para os sentidos de uma mulher. O coração dela batia mais forte, enquanto todo o seu corpo ardia, desejando loucamente provar a sua força dentro de si.

Beijou-o desesperadamente.

Ele tomou o rosto dela nas mãos enquanto lhe mordiscava os lábios com os dentes. As presas. De súbito, aprofundou o beijo, ao mesmo tempo que deslizava as mãos pelas costas dela, apertando-a contra as suas ancas secas e masculinas, de tal forma que ela pôde sentir como ele estava duro e pronto para ela.

Ela sentiu-o com todo o seu ser. Todas as suas hormonas crepitavam.

Desejava-o com uma ferocidade que a aterrorizou. Nunca na sua vida sentira um desejo tão ardente, tão doloroso, em especial por um estranho.

Devia estar a afastá-lo.

Em vez disso, passou os braços em redor daqueles ombros largos e duros como pedra e segurou-o com força. Era tudo o que podia fazer para não estender o braço, desapertar-lhe as calças e guiá-lo diretamente para a parte do seu corpo que latejava de desejo premente.

Parte dela não se importava, sequer, com o facto de se encontrarem no meio da rua. Desejava-o ali mesmo. Imediatamente. Sem se importar com o quê ou quem a via. Tratava-se de uma parte de si que lhe era estranha e que a assustava.

Wulf lutou contra o desejo que se erguia dentro de si e que exigia que a encostasse contra a parede de tijolo ao seu lado e envolvesse a sua cintura com aquelas pernas compridas e bem torneadas. Que lhe puxasse a saia pecaminosamente curta acima das ancas e se enterrasse profundamente dentro do seu corpo até ela gritar o seu nome em doce êxtase.

Pelos deuses, como ansiava por possuí-la.

Se ao menos pudesse...

Com relutância, afastou-se do abraço dela. Passou o polegar sobre os seus lábios inchados e perguntou-se qual seria a sensação de a ter, a estremecer, debaixo de si.

Pior, sabia que a podia ter. Provara todo o seu desejo. Mas, uma vez terminado, ela não teria qualquer memória dele.

Não se recordaria do seu toque. Do seu beijo.

Do seu nome...

O corpo dela só saciaria o seu durante alguns minutos.

Nada faria para aliviar a solidão no seu coração que ansiava por alguém que se lembrasse de si.

— Adeus, minha querida — sussurrou ele, tocando-lhe suavemente na face antes de lhe voltar as costas.

Ele recordaria para sempre aquele beijo.

Ela não o recordaria de todo...

CASSANDRA não se conseguia mover enquanto o Predador da Noite se afastava dela.

Quando ele desapareceu na noite, ela já esquecerá por completo a sua existência.

— Como é que eu vim parar aqui? — perguntou enquanto envolvia o corpo com os braços, para banir o frio penetrante.

Com os dentes a bater, correu de volta para o bar.

Capítulo

DOIS

WULF ainda estava a pensar na desconhecida quando guardou o *Expedition* verde-escuro na garagem com espaço para cinco carros. Franziu o sobrolho ao ver o *Hummer* vermelho, estacionado junto à parede mais afastada, e desligou o motor do seu próprio carro.

Que raio estava Chris a fazer em casa? Era suposto ter ido passar a noite a casa da namorada.

Wulf entrou em casa, pronto para o descobrir.

Encontrou Chris na sala de estar, montando uma enorme... qualquer coisa. Tinha braços metálicos e outras partes que o faziam pensar num robô de fraca conceção.

O cabelo, preto e ondulado, de Chris estava espetado, à frente, como se ele o tivesse puxado devido à frustração. Havia componentes e papéis espalhados por toda a sala, juntamente com várias ferramentas.

Wulf observou, com um divertimento irónico, enquanto Chris lutava com o longo varão metálico que estava a tentar encaixar na base.

Enquanto Chris trabalhava, um dos braços metálicos caiu e acertou-lhe na cabeça.

Praguejando, deixou cair o varão.

Wulf riu.

— Temos andado a ver a QVC¹, outra vez?

Chris esfregou a parte de trás da cabeça enquanto pontapeava a base.

¹ Canal de compras por telefone. (N. da T.)

— Não comeces, Wulf!

— Rapaz — disse Wulf com firmeza —, é melhor teres atenção a esse tom.

— Sim, sim, metes-me cá um medo — disse Chris irritado. — Até molho as calças, só de estar na tua presença aterrorizadora e impressionante. Vês como tremo? Uh, ahhh, uh!

Wulf abanou a cabeça ao Escudeiro. O rapaz não tinha qualquer medo de o provocar.

— Eu sabia que te devia ter levado para os bosques, quando ainda eras pequeno, e deixado lá para morrer.

Chris fungou.

— Uh, o terrível humor viking! Até me surpreende que o meu pai não tenha sido obrigado a apresentar-me a ti, quando nasci, para que me pudesses inspecionar. Ainda bem que não te podias dar ao luxo de realizar o *barnaútburðr*, hã?

Wulf fitou-o, não que achasse, sequer por um segundo, que isso servisse de muito. Tratava-se apenas da força do hábito.

— Só porque és o último da linhagem, não significa que eu tenha de te aturar.

— Pois, também te adoro, Grandalhão. — Chris regressou ao seu projeto.

Wulf tirou o casaco com um movimento dos ombros, depois pousou-o nas costas do sofá.

— Juro que vou cancelar a televisão por cabo, se continuas com isto. A semana passada foi o banco de *spin* e a máquina de remo. Ontem aquela coisa para a cara e agora isto. Já viste a tralha toda que está no sótão? Parece uma quermesse.

— Isto é diferente.

Wulf revirou os olhos. Já tinha ouvido aquelas palavras antes.

— Que raio é isso, já agora?

Chris não parou, continuando a prender o braço.

— É uma espécie de solário. Pensei que podias estar farto dessa tez pálida.

Wulf olhou-o, divertido. Graças aos genes gauleses da mãe, Wulf não era realmente pálido, em especial tendo em conta que já não passeava à luz do Sol há mais de mil anos.

— Christopher, por acaso sou viking e estamos no Minnesota em pleno Inverno. A falta de um bronzeado profundo fica bem com toda esta cena nórdica. Afinal, porque é que pensas que atacámos a Europa?

— Porque ela estava lá?

— Não, porque queríamos descongelar.

Chris mandou-o dar uma volta.

— Espera só, vais agradecer-me por isto, quando eu o conseguir pôr a funcionar.

Wulf avançou por cima das peças.

— Porque é que estás aqui às voltas com isto? Pensei que tinhas um encontro, esta noite.

— E tinha, mas vinte minutos depois de ter chegado a casa da Pam, ela acabou tudo comigo.

— Porquê?

Chris parou o que estava a fazer, para dirigir a Wulf um olhar solene e carregado de ódio.

— Ela pensa que eu sou um traficante.

Wulf ficou absolutamente chocado pela inesperada declaração. Chris tinha pouco mais de um metro e oitenta, um porte desengonçado e um rosto honesto e amigável.

A coisa mais “ilegal” que o rapaz já fizera fora passar, uma vez, por um Pai Natal do Exército da Salvação sem lhe deixar qualquer coisa no pote.

— O que é que a fez pensar tal coisa? — perguntou Wulf.

— Bem, deixa-me ver. Tenho vinte e um anos e conduzo um *Hummer* feito por encomenda e blindado, que vale cerca de um quarto de milhão de dólares, com pneus e vidros à prova de bala. Vivo numa propriedade, remota e gigantesca, nos arredores de Minnetonka, completamente só, tanto quanto alguém pode dizer, a não ser pelos dois guarda-costas que me seguem sempre que saio da propriedade. Tenho um horário estranho. Costumas mandar-me três a quatro mensagens por encontro, só para me dizeres que ponha mãos à obra e te dê um herdeiro. E por acaso viu, no armazém de carga, alguns dos teus *lindos* brinquedos, que eu tinha ido buscar ao armeiro.

— Não estavam afiados, pois não? — interrompeu Wulf.

Chris não estava autorizado a mexer em armas afiadas. O tonto ainda podia cortar alguma parte vital.

Chris suspirou e ignorou a pergunta, enquanto prosseguia com o seu monólogo.

— Eu tentei dizer-lhe que se tratava de dinheiro de família e que gostava de colecionar espadas e facas, mas ela não acreditou. — Dirigiu a Wulf mais um olhar glacial. — Sabes, há alturas em que este trabalho parece morder-me os calcanhares. E o trocadilho *era* propositado.

Wulf encarou com calma a explosão de mau temperamento. Chris estava sempre irritado com ele mas, como tinha criado o rapaz desde que nascera e Chris era o último membro da sua linhagem, Wulf era muitíssimo tolerante.

— Então vende o *Hummer*, compra um *Dodge* e muda-te para uma caravana.

— Oh, sim, *claro!* Lembras-te de quando troquei o *Hummer* pelo *Alpha Romeu*, o ano passado? Queimaste o carro, compraste-me um *Hummer* novo e ameaçaste trancar-me num quarto com uma prostituta se eu voltasse a fazê-lo. E quanto às regalias. Já te deste ao trabalho de olhar para este sítio? Temos uma piscina interior aquecida, um anfiteatro com *surround*, dois cozinheiros, três empregadas e um rapaz da piscina que posso azucrinar, já para não falar em todos os brinquedos divertidos. Não vou deixar a Disneylândia. É a única parte divertida deste nosso trato. Quer dizer, caramba, se a minha vida tem de ser uma porcaria, não vou viver para uma Mini-Wini, de maneira nenhuma. Além disso, conhecendo-te, ainda me obrigavas a estacioná-la aqui à frente, com guardas armados a postos, não fosse eu ter um panarício.

— Então estás despedido.

— Morde aqui...

— Não fazes o meu género.

Chris atirou-lhe uma chave de porcas à cabeça.

Wulf apanhou-a e deixou-a cair ao chão.

— Nunca vou conseguir casar-te, pois não?

— Caramba, Wulf. Sou pouco mais do que maior de idade. Ainda tenho muito tempo para ter filhos que se lembrem de ti, está bem? Bolas, és pior do que o meu pai. Dever, dever, dever.

— Sabes, o teu pai só tinha...

— Dezoito anos quando casou com a minha mãe. Sim, Wulf, eu sei. Só me dizes isso umas três ou quatro vezes por hora.

Wulf ignorou-o, continuando a pensar em voz alta.

— Juro, és o único homem que conheço que não passou por toda aquela fúria hormonal da adolescência. Há algo errado contigo, rapaz.

— Não vou fazer mais nenhum exame médico — gritou Chris. — Não há nada de errado comigo ou com as minhas capacidades para além do facto de eu não ser um cão sempre excitado. Prefiro conhecer uma mulher antes de tirar as roupas à frente dela.

Wulf abanou a cabeça.

— Há algo *muito* errado contigo.

Chris praguejou-lhe em Nórdico Antigo.

Wulf ignorou a profanidade.

— Talvez devêssemos pensar em contratar uma barriga de aluguer. Quem sabe, comprar um banco de esperma.

Chris rosou baixinho, do fundo da garganta, depois mudou de assunto.

— O que aconteceu esta noite? Pareces ainda mais zangado do que quando saíste. Alguma das panteras te tratou mal, no bar?

Wulf resmungou ao pensar no grupo de panteras Katagaria que possuía o bar onde estivera naquela noite. Tinham-lhe ligado logo ao início da noite a avisar que os batedores tinham visto, na cidade, um grupo de *daemon* desconhecidos que andavam à caça. Tratava-se do mesmo grupo que tinha causado alguns problemas às panteras uns meses antes.

O Inferno era um dos muitos santuários erigidos por todo o mundo, onde Predadores da Noite, Predadores do Homem e *Apollite* se podiam reunir sem se preocuparem com a possibilidade de um inimigo os atacar, quando estavam no interior do edifício. Raios, as bestas-homens até toleravam os *daemon* desde que estes não se alimentassem enquanto estavam no interior, nem chamassem sobre eles uma atenção indesejada.

Embora os Predadores do Homem fossem mais do que capazes de matar os *daemon* sozinhos, por norma abstinham-se de o fazer. Afinal de contas, eram primos dos *apollite* e dos *daemon* e, como tal, tinham uma abordagem o mais imparcial possível quando se tratava de lidar com eles. Da mesma forma, os Predadores do Homem não eram demasiado tolerantes com os Predadores da Noite que lhes matavam os primos. Trabalhavam com eles quando era preciso, ou quando isso os beneficiava, mas de resto mantinham a distância.

Mal Dante foi informado que os *daemon* iam a caminho do bar, enviou uma mensagem a Wulf para o alertar.

Mas, como Chris tinha insinuado, as panteras tendiam a ser muito pouco simpáticas com qualquer Predador da Noite que permanecesse demasiado tempo em sua casa.

Retirando as armas que trazia presas às roupas, Wulf voltou a colocá-las na armaria que se encontrava na parede mais afastada.

— Não — disse, respondendo à pergunta de Chris. — As panteras não deram problemas. Só pensei que os *daemon* iam dar mais luta.

— Lamento — disse Chris, compreensivamente.

— Sim, eu também.

Chris fez uma pausa e, pela sua expressão, Wulf podia ver que o rapaz tinha afastado a irritação e o tentava animar.

— Apetece-te treinar?

— Para quê? Há quase cem anos que não tenho uma luta decente. — Desagradado com a ideia, passou a mão pelos olhos, sensíveis perante as fortes luzes que Chris tinha acesas. — Acho que vou insultar o Talon durante um bocado.

— Oh, espera!

Wulf parou e voltou-se para olhar para Chris.

— Antes de ires, diz “*barbecue*”.

Wulf gemeu perante a normal opção de último recurso para o tentar animar. Era uma piada comum que Chris usava para o irritar desde tenra idade. Tinha a sua origem no facto de Wulf ainda manter o sotaque nórdico antigo que fazia com que parecesse cantar quando falava, em especial quando dizia determinadas palavras, como “*barbecue*”.

— Não tens graça, pirralho. E eu não sou um sueco.

— Sim, sim. Vá lá, faz os barulhos do Chefe Sueco.

Wulf rosnou.

— Nunca te devia ter deixado ver os *Marretas*.

Melhor ainda, nunca devia ter fingido ser o Chefe Sueco quando Chris era pequeno. Só servira para dar ao rapaz algo mais com que o irritar.

Mas, ainda assim, eram família e, pelo menos, Chris estava a tentar fazer com que se sentisse melhor. Não que estivesse a resultar.

Chris emitiu um som rude.

— Como queiras, meu resmungão viking decrépito. Já agora, a minha mãe quer conhecer-te. Outra vez.

Wulf gemeu.

— Consegues adiar mais alguns dias?

— Posso tentar, mas já sabes como ela é.

Sim, sabia. Conhecia a mãe de Chris há mais de trinta anos.

Infelizmente, ela não o conhecia de todo. Tal como acontecia com todas as pessoas que não partilhavam da sua linhagem, ela esquecia-se dele, cinco minutos depois de ter deixado a sua presença.

— Está bem — cedeu Wulf. — Trá-la amanhã à noite.

Wulf dirigiu-se às escadas que davam acesso ao seu quarto, por baixo da casa. Como a maioria dos Predadores da Noite, preferia dormir onde não corresse o risco de ser acidentalmente exposto à luz do Sol. Essa era uma das pouquíssimas coisas que podiam destruir os seus corpos imortais.

Abriu a porta, mas não se deu ao trabalho de ligar a luz do teto, já que Chris tinha deixado uma pequena vela acesa junta à secretária. Os olhos de um Predador da Noite tinham sido concebidos de forma a quase não necessitarem de luz. Via melhor na escuridão do que os humanos em plena luz do dia.

Tirando a camisola, tocou suavemente nos quatro buracos de bala no flanco. As balas tinham atravessado a carne de um lado ao outro e a pele já começara a cicatrizar.

O ferimento ardia mas não o mataria e em poucos dias não restaria nada para além de quatro cicatrizes minúsculas.

Usou a t-shirt preta para limpar o sangue e dirigiu-se à casa de banho para tratar das feridas e fazer o penso.

Mal acabou de se lavar e de vestir um par de calças de ganga azuis e uma t-shirt branca, Wulf ligou a aparelhagem. As músicas pré-programadas começaram com “My Oh My” dos Slade, enquanto ele pegava no telefone sem fios e se dirigia ao computador para visitar o *site* Predador-da-Noite e pôr os outros a par das suas mais recentes mortes.

Callabrax gostava de saber quantos *daemon* eram mortos por mês. O guerreiro espartano defendia uma estranha teoria segundo a qual as transformações e os ataques dos *daemon* estavam relacionados com os ciclos lunares.

Pessoalmente, Wulf achava que o Espartano tinha demasiado tempo livre. Mas, por outro lado, sendo imortais, todos eles tinham.

Sentado na escuridão, Wulf escutava as palavras da música enquanto esta tocava.

I believe in a woman, my oh my. We all need someone to talk to, my oh my...

Contra a sua vontade, as palavras acordaram imagens do seu antigo lar e de uma mulher de cabelo branco como a neve e olhos azuis como o mar.

Arnhild.

Não sabia porque é que ainda pensava nela, passados tantos séculos, mas pensava.

Inspirou fundo e perguntou-se o que teria acontecido caso tivesse ficado na quinta do pai e tivesse casado com ela. Era o que todos esperavam.

Era o que Arnhild esperara.

Mas Wulf recusara. Aos dezassete anos, tinha desejado uma vida diferente da de um simples agricultor que paga os seus impostos ao *jarl*. Desejara aventuras e batalhas.

Glória.

Perigo.

Talvez se ele amasse Arnhild, esse amor tivesse sido suficiente para o manter em casa.

E se ele o tivesse feito...

Tinha-se aborrecido de morte.

Que era precisamente o seu problema naquela noite. Precisava de algo excitante. Algo que lhe fizesse ferver o sangue.

Algo como a quente e tentadora rapariga, de cabelos louros-acobreados, que deixara para trás, na rua...

Ao contrário de Chris, ficar nu com uma mulher estranha não era algo de que fugisse.

Ou, pelo menos, não era algo de que costumasse fugir. Claro que a sua predisposição para ficar nu com mulheres desconhecidas fora o que o

levara ao seu atual destino, por isso talvez Chris tivesse, afinal de contas, alguma razão.

Procurando algo que o distraísse daquele pensamento irritante, Wulf marcou o número de Talon e usou o comando para avançar para a música dos Led Zeppelin “Immigrant Song”.

Talon atendeu o telefone ao mesmo tempo que Wulf fazia *login* para ter acesso às mensagens dos Predadores da Noite.

— Olá, minha menina — disse Wulf de forma provocadora passando para o *kit* mãos livres, que lhe permitia escrever e falar ao mesmo tempo. — Recebi hoje a t-shirt do “Dirty Deeds Done Dirt Cheap”. Não tens piada e eu não trabalho por pouco. Espero receber muito dinheiro pelo que faço.

Talon escarneceu.

— Minha menina? É melhor parares com isso, caso contrário, vou aí e dou-te um pontapé nesse teu traseiro viking.

— Essa ameaça talvez contasse para alguma coisa, se eu não soubesse o quanto odeias o frio.

Talon soltou uma gargalhada, vinda do fundo da garganta.

— Então como estás esta noite? — perguntou Wulf.

— Com cerca de um metro e noventa e cinco.

Wulf rosnou.

— Sabes, essa piada manhosa não fica melhor de cada vez que a ouço.

— Sim, eu sei. Mas vivo só para te chatear.

— E fá-lo tão bem. Tens estado a aprender com o Chris?

Ouviu Talon tapar o bocal do telefone com a mão e pedir café preto e *beignets*.

— Então esta noite já andas a passear? — perguntou a Talon, depois de a empregada se ter afastado.

— Já sabes como é. Estamos no Carnaval e abundam os *daemon*.

— Tretas. Ouvi-te pedir café. Ficaste outra vez sem nada em casa, não foi?

— Cala-te, Viking.

Wulf abanou a cabeça.

— Precisas mesmo de arranjar um Escudeiro.

— Sim, está bem. Hei de te lembrar disso da próxima vez que te queixares do Chris e da sua grande boca.

Wulf reclinou-se na cadeira enquanto lia as mensagens dos colegas Predadores da Noite. Era reconfortante saber que não era o único a sentir-se verdadeiramente aborrecido entre missões.

Como os Predadores da Noite não se podiam reunir fisicamente sem drenar os poderes uns dos outros, a Internet e os telefones eram a única forma de partilharem informações e se manterem em contacto.

Para eles, a tecnologia era uma dádiva dos deuses.

— Meu — disse Wulf —, sou só eu ou as noites parecem estar a ficar mais compridas?

— Umás mais compridas que outras. — Pelo telefone, Wulf ouviu a cadeira de Talon chiar. Sem dúvida, o celta tinha-se inclinado para apreciar alguma mulher que passava pela sua mesa. — Então o que se passa contigo, hoje?

— Estou inquieto.

— Arranja uma mulher.

Fungou, perante a resposta que Talon apresentava para tudo. O pior é que sabia que o celta acreditava, realmente, que o sexo era a cura para todos os males.

No entanto, quando os seus pensamentos regressaram à mulher no bar, Wulf não teve a certeza de que não funcionasse.

Pelo menos nessa noite.

Contudo, no fim, uma noite passada com outra mulher que não se lembraria dele não pareceu satisfazê-lo.

Há muito que era assim.

— O problema não é esse — disse Wulf enquanto passava os olhos pelas mensagens. — Estou ansioso por uma boa luta. Quer dizer, raios, quando foi a última vez que um *daemon* ripostou? Os que abati esta noite limitavam-se a cair. Um deles até choramingou quando lhe bati.

— Ei, devias ficar contente por os teres apanhado antes de te apanharem a ti.

Talvez...

Mas Wulf era um viking e eles não viam as coisas como os celtas.

— Sabes, Talon, matar um *daemon* sugador de almas sem uma boa luta é como sexo sem preliminares. Uma total perda de tempo e nada satisfatório.

— Falas como um verdadeiro nórdico. O que tu precisas, meu irmão, é de um salão de hidromel repleto de jovens empregadas e vikings prontos a abrir caminho, lutando, até Valhalla.

Era verdade. Wulf sentia a falta dos Spathi. Ora, esses faziam parte de uma classe de guerreiros capaz de tornar os combates divertidos.

Bem, pelo menos do seu ponto de vista.

— Os que encontrei, esta noite, não sabiam nada de luta — disse Wulf, fazendo uma careta. — E estou farto da mentalidade de “a minha arma resolve tudo”.

— Dispararam contra ti, outra vez? — perguntou Talon.

— Quatro vezes. Juro... quem me dera arranjar um *daemon* como o Desiderius. Adorava uma boa luta, ao menos uma vez.

— Tem cuidado com o que desejas, podes recebê-lo.

— Sim, eu sei. — De uma forma que Talon não podia sequer imaginar. — Mas, raios! Ao menos uma vez, não podem parar de fugir de nós e aprender a lutar como os seus antepassados? Sinto saudades da forma como as coisas eram.

Seguiu-se uma pausa do outro lado, enquanto Talon soltava um suspiro de aprovação.

Wulf abanou a cabeça. Havia, sem dúvida, uma mulher nas redondezas.

— Digo-te, aquilo de que tenho mais saudades é das Talpinas.

Wulf franziu o sobrolho. Aquele era um termo que nunca antes ouvira.

— Quem são essas?

— É verdade, já não são do teu tempo. Durante a maior parte da Idade das Trevas, tivemos um clã de Escudeiros cujo único propósito era atender às nossas necessidades carnis.

Era bom saber que o seu melhor amigo só pensava numa coisa e Wulf era capaz de pagar para conhecer a mulher capaz de afastar o celta dos seus caminhos terrenos.

— Meu, eram ótimas. Sabiam o que éramos e não tinham qualquer problema em dormir connosco. Diabos, os Escudeiros até lhes ensinavam as melhores formas de nos dar prazer.

— O que lhes aconteceu?

— Cerca de cem anos ou assim, antes de tu nasceres, um Predador da Noite cometeu o erro de se apaixonar pela sua Talpina. Para infelicidade dos restantes, ela não passou no teste de Ártemis. A deusa ficou tão furiosa que interveio e banuiu as Talpinas, implementando a maravilhosa regra que dita que só podemos dormir uma vez com cada mulher. Para ajudar à festa, o Acheron criou a lei de que não podemos tocar nos nossos Escudeiros. Digo-te, ainda não viveste até teres tentado encontrar um engate de uma noite na Grã-Bretanha do século VII.

Wulf fungou.

— Para mim, isso *nunca* foi um problema.

— Sim, eu sei. Invejo-te nesse aspeto. Enquanto nós temos de nos afastar das nossas amantes sob pena de traírmos a nossa existência, tu podes libertar-te sem medo.

— Acredita em mim, Talon, não é tão bom como dizem. Tu vives sozinho por escolha. Fazes ideia de como é frustrante que ninguém se recorde de ti cinco minutos depois de teres saído do seu lado?

Era a única coisa que perturbava Wulf em relação à sua existência. Tinha imortalidade. Riqueza.

Tudo.

Mas se Christopher morresse sem deixar filhos, não existiria nenhum ser humano vivo capaz de se lembrar dele.

Era um pensamento sombrio.

Wulf suspirou.

— A mãe do Christopher veio visitar-me três vezes, só na última semana, para poder conhecer a pessoa para quem ele trabalha. Já a conheço há quê? Trinta anos? E não nos esqueçamos daquela vez, há dezasseis anos, em que cheguei a casa e ela chamou a Polícia porque pensou que eu estava a assaltar a minha própria residência.

— Lamento, irmãozinho — disse Talon com sinceridade. — Pelo menos tens-nos a nós, e ao teu Escudeiro, que somos capazes de nos lembrar de ti.

— Sim, eu sei. Graças aos deuses pela tecnologia moderna. Caso contrário, enlouqueceria. — Ficou em silêncio durante um bocado.

— Sem querer mudar de assunto, mas viste quem Ártemis mandou para Nova Orleães para ocupar o lugar do Kyrian?

— Ouvi dizer que foi o Valério — disse Wulf sem poder acreditar. — No que é que Ártemis estava a pensar?

— Não faço ideia.

— O Kyrian sabe? — perguntou Wulf.

— Por razões óbvias, eu e o Acheron decidimos não lhe contar que o neto e imagem cuspida e escarrada do homem que o crucificou e lhe destruiu a família se ia mudar para a cidade, mesmo para o fundo da rua onde ele mora. Infelizmente, no entanto, estou certo que o descobrirá mais cedo ou mais tarde.

Wulf abanou a cabeça. Supôs que as coisas podiam ser piores. Pelo menos não tinha os problemas do Kyrian ou do Valério.

— Meu, humano ou não, o Kyrian vai matá-lo se os seus caminhos alguma vez se cruzarem; não é algo com que te deveses ter de preocupar nesta altura do ano.

— A quem o dizes — concordou Talon.

— Então e quem é que ficou de serviço ao Carnaval, este ano? — perguntou Wulf.

— Vão importar o Zarek.

Wulf praguejou perante a menção ao Predador da Noite de Fairbanks, no Alasca. Abundavam os rumores sobre o ex-escravo que tinha destruído a aldeia e os seres humanos que estava encarregue de proteger.

— Não pensei que o Acheron o voltasse a deixar sair do Alasca.

— Sim, eu sei, mas foi a própria Ártemis que disse que o queria aqui. Parece que vamos ter um congresso de psicóticos esta semana... Ah, espera, é Carnaval. Dah!

Wulf voltou a rir.

Ouviu Talon soltar um suspiro alegre.

— Chegou o café? — perguntou Wulf.

— Oh, sim!

Wulf sorriu, desejando ser capaz de encontrar prazer em algo tão simples como uma chávena de café.

Mas assim que esse pensamento lhe passou pela mente, ouviu Talon rosnar.

— Ah, meu!

— O que foi?

— O raio do alerta Fábio. — Talon cuspiu as palavras com desdém.

Wulf arqueou uma sobrancelha, enquanto pensava no cabelo louro de Talon.

— Ei, tu também não estás muito longe da marca, *lourinho*.

— Morde aqui, Viking. Sabes, se fosse uma pessoa negativa, estaria bastante zangado, neste momento.

— A mim, pareces-me zangado.

— Não, isto não é zangado. Isto é uma ligeira perturbação. Além disso, devias ver estes tipos. — Talon abandonou a sua pronúncia celta enquanto inventava uma conversa entre os *daemon*. Ergueu a voz até um tom demasiado alto para ser natural. — Ei, George Lindo, acho que sinto o cheiro de um Predador da Noite.

— Oh, não, Dick — continuou, baixando a voz dois oitavos —, não sejas parvo. Não está aqui nenhum Predador da Noite.

Talon regressou à sua voz de falsete.

— Não sei...

— Espera — disse Talon, usando mais uma vez a voz funda. — Sinto o cheiro de um turista. Um turista com uma alma grande e forte.

— Importas-te de parar? — disse Wulf, rindo.

— Verdadeiros borrões de tinta — disse Talon, usando o termo depreciativo que os Predadores da Noite tinham para os *daemon*. Um termo que tinha a sua origem na estranha marca negra que todos os *daemon* exibiam no peito, assinalando a sua passagem de simples *apollite* a assassinos de homens. — Raios, tudo o que eu queria era beber o meu café e comer um simples *beignet*.

Ouviu Talon estalar a língua. Depois o amigo começou a pensar em voz alta:

— Café... *daemon*... café... *daemon*...

— Acho que neste caso convém que ganhem os *daemon*.

— Sim, mas é café de *chicória*.

Wulf estalou a língua.

— Talon, ansioso por ser desfeito por Acheron, por não ter sido capaz de proteger os humanos.

— Eu sei — disse ele, com um suspiro enojado. — Deixa-me ir tratar-lhes da saúde. Falamos mais tarde.

— Até logo. — Wulf desligou o telefone e o computador. Olhou para o relógio. Ainda não era sequer meia-noite.

Maldição.

POUCO passava da meia-noite quando Cassandra, Kat e Brenda regressaram ao seu apartamento no complexo universitário. Deixaram Brenda em frente ao edifício onde estava instalada, depois dirigiram-se para o apartamento que partilhavam. Saíram do carro e entraram no apartamento de dois quartos.

Desde que saíra de Inferno, Cassandra tinha uma terrível impressão no fundo da mente, como se algo não estivesse certo.

Percorreu mentalmente toda a noite, enquanto se preparava para ir para cama. Tinha conduzido até ao bar com as amigas, depois das aulas de Michelle e tinham passado a noite a ouvir Twisted Hearts e, depois, os Barleys.

Não tinha ocorrido nada de inusitado, a não ser pelo facto de Michelle ter conhecido Tom.

Então porque é que se sentia tão... tão... estranha?

Inquieta.

Não fazia sentido.

Esfregando a testa, pegou no livro de Literatura Medieval e fez o seu melhor por desbravar caminho através da versão em inglês antigo de *Beowulf*.

O Dr. Mitchell adorava humilhar os alunos que não se tinham preparado para a sua aula, por isso Cassandra não ia aparecer no dia seguinte sem ter lido o trabalho de casa.

Por muito aborrecido que este se revelasse.

*Grendel, chomp, chomp,
Grendel, chomp, chomp,
See the Vikings in their boats,
Someone hand me the Cliff's Notes...*

Nem mesmo a sua musicalidade era capaz de lhe reavivar o interesse.

No entanto, enquanto lia as palavras em inglês antigo, ia imaginando um guerreiro alto de cabelo escuro, de olhos negros e lábios quentes e cheios.

Um homem de velocidade e agilidade incríveis.

Fechando os olhos, viu-o de pé, ao frio, usando um longo casaco de cabedal preto e uma expressão no rosto que dizia:

Decadente.

Tentou tornar a imagem mais clara, mas esta evaporou-se e deixou-a cheia de desejo por ele.

— O que há de errado comigo?

Abriu mais os olhos e obrigou-se a ler.

WULF trancou a porta do quarto e foi para a cama cedo, pouco depois das quatro; Chris já estava a dormir há horas. Não estava a dar nada na televisão e sentia-se farto de jogar *online* com os outros Predadores da Noite.

Já tinha tratado da “urgente” ameaça *daemon* dessa noite. Suspirou com tal pensamento. Durante os meses de inverno, os *daemon* tendiam a viajar para sul, já que não eram grandes adeptos do frio. Detestavam ter de “desembrulhar” a comida e consideravam incómodo ter de atacar humanos envoltos em várias camadas de casacos e camisolas. As coisas ganhavam um novo ritmo na primavera, depois do degelo mas, entretanto, as noites eram longas e as batalhas poucas e espaçadas.

Talvez, se dormisse bem, se sentisse melhor na noite seguinte.

Valia a pena tentar.

Mas assim que Wulf adormeceu, os seus sonhos começaram a vaguear. Voltou a ver o bar e sentiu os lábios da mulher desconhecida contra os seus.

Sentiu as mãos dela enquanto o agarrava.

Como seria ser recordado, uma vez mais, por uma amante?

Só por uma vez?

Uma névoa estranha e rodopiante engoliu-o e, quando olhou à sua volta, estava numa cama estranha.

Wulf sorriu perante o seu tamanho: era uma cama de casal normal, pelo que teve de dobrar as pernas para impedir que os pés pendessem para fora dela.

Franzindo o sobrolho, olhou em redor do quarto escuro. As paredes brancas eram direitas e estavam cobertas de posters artísticos. Havia algo nelas que transmitia um ar de instituição.

Havia uma secretária presa à parede, junto à janela; uma cómoda quadrada sobre a qual se encontrava uma televisão e uma aparelhagem e, no canto, ardia um candeeiro de lava, lançando estranhas sombras sobre as paredes.

Foi então que percebeu que não estava sozinho na cama.

Havia alguém deitado ao seu lado.

Wulf estudou a mulher que envergava uma pudica camisa de dormir de flanela cor-de-rosa que lhe obscurecia o corpo, deitada de costas para ele. Inclinando-se sobre ela, viu o cabelo louro-acobreado, que ela usava preso numa trança.

Sorriu mal reconheceu a mulher do bar. Estava a gostar daquele sonho...

Mas não tanto como da expressão no rosto sereno.

E, ao contrário dos *daemon*, ele não se importava de “desembrulhar” a comida.

Sentindo o corpo agitar-se de imediato, fê-la rolar até ficar de costas e começou a desapertar-lhe a camisa.

Capítulo

TRÊS

CASSANDRA piscou os olhos, abrindo-os, enquanto sentia as mãos quentes e fortes que lhe desabotoavam a camisa de dormir de flanela. Sobressaltada, fitou o Predador da Noite que lhe salvara a vida no bar.

Os olhos dele, negros como a noite, ardiam de desejo enquanto a olhava.

— És tu — sussurrou ela, a mente turva pelos sonhos.

Ele sorriu e pareceu deliciado pelas suas palavras.

— Lembras-te de mim?

— Claro. Como poderia esquecer a forma como beijas?

O sorriso dele abriu-se, malandro, enquanto lhe desabotoava a camisa de dormir e passava a mão pela pele nua. Ela gemeu ao sentir o calor da palma da mão dele na sua pele. Contra sua vontade, uma pontada de desejo atravessou-a enquanto os seios formigavam sob o toque ardente. As calosidades dos dedos rudes dele roçavam-lhe, suave e gentilmente, nos mamilos entumescidos. Isso fez com que o seu estômago se contraísse ainda mais. Fê-la pulsar enquanto a humidade se acumulava entre as pernas, aumentando o desejo de tomar toda a força dele no seu corpo.

Apercebeu-se que o seu guerreiro viking se encontrava completamente nu na sua cama. Bem, talvez não completamente. Usava um colar de prata com um martelo de Thor e um pequeno crucifixo.

Pronto, estava-se a esticar. Mas o colar ficava-lhe bem contra a pele bronzeada.

A luz fraca acariciava todos os contornos do seu corpo magnífico. Os

ombros eram largos e bem musculados, o peito uma escultura perfeita das proporções masculinas.

E o traseiro...

Era daquilo que se faziam as lendas!

O peito e as pernas estavam suavemente cobertos por pelos escuros. O queixo forte, onde despontavam alguns pelos, pedia que uma mulher passasse por ele a língua, até poder inclinar a cabeça e avançar ao longo do pescoço sensual.

Mas o que a fascinava era a intrincada tatuagem nórdica que lhe cobria todo o ombro direito e terminava numa fita muitíssimo estilizada que lhe rodeava o bíceps. Era linda.

E, no entanto, não fazia jus ao homem que ela tinha nos braços.

Ele era espantoso. E fazia crescer água na boca.

— O que estás a fazer? — perguntou, enquanto ele traçava círculos com a língua quente em redor dos seus seios.

— Estou a fazer amor contigo.

Se não estivesse a dormir, aquelas palavras tê-la-iam aterrorizado. Mas todos os pensamentos relacionados com o medo ou qualquer outra coisa dissiparam-se quando ele lhe tomou um dos seios na mão.

Ela silvou de prazer e expectativa.

Ele tocou-lhe suavemente, passando a palma da mão, calosa, contra o mamilo hirto até este ficar de tal forma rígido que ela lhe queria implorar que a beijasse. Implorar que a sugasse.

— Tão macio — sussurrou ele contra os lábios dela, antes de os reclamar também.

Cassandra suspirou. O corpo ardia-lhe com uma intensidade espantosa, enquanto passava as mãos pelos ombros largos e nus dele. Nunca sentira nada assim. Bem constituídos e perfeitos, ondulavam de poder e força.

E ela queria sentir ainda mais dele.

Ele afastou a mão do corpo dela e tocou-lhe no cabelo. Ela viu-o estudar-lhe o cabelo enquanto o soltava.

— Porque prendes assim o teu cabelo? — perguntou ele, com a voz de um sotaque profundo e intoxicante.

— Os caracóis emaranham-se se não o faço.

Os olhos dele chisparam como se pensasse que a trança dela era uma espécie de abominação.

— Não gosto. O teu cabelo é demasiado belo para estar preso.

Ele passou as mãos através dos caracóis assim libertos e o seu olhar tornou-se terno. Suave. Penteou-lhe o cabelo com os dedos até este lhe cobrir os seios desnudos. A respiração dele caía-lhe sobre a pele, enquanto lhe provocava os mamilos com os caracóis e o seu toque.

— Pronto — disse, a pronúncia nórdica suave e melódica. — Nunca vi mulher mais bela.

Com o corpo mole, Cassandra não conseguia fazer mais nada a não ser vê-lo a olhar para ela.

Ele era espantosamente belo. Masculino de uma forma bárbara que fazia com que a mulher dentro dela vibrasse de desejo primevo.

Era óbvio que se tratava de um homem perigoso. Básico. Duro. Inflexível.

— Como te chamas? — perguntou ela, enquanto ele baixava a cabeça para lhe morder o pescoço. As bochechas cobertas de pelos curtos picavam-lhe a pele, lançando arrepios que a percorriam enquanto ele a provava.

— Wulf.

Ela tremeu ao compreender a fonte da sua fantasia noturna.

— Como Beowulf?

Ele sorriu, faminto, permitindo-lhe um breve vislumbre dos longos dentes caninos.

— Na verdade, sou mais como Grendel. Saio apenas durante a noite para te devorar.

Ela tremeu mais uma vez, enquanto ele a brindava com mais uma lambidela, longa, deliciosamente malandra, na parte inferior do seio.

Ora, ali estava um homem que sabia bem como dar prazer a uma mulher. E, ainda melhor, não parecia estar com pressa de terminar, preferindo demorar o seu tempo.

Se antes tivera alguma dúvida, aquilo era, só por si, suficiente para ter a certeza que se tratava de um sonho!

Wulf passou a língua pela pele suave e deliciou-se com os murmúrios de prazer que lhe arrancava ao provar a pele ao mesmo tempo salgada e doce. Adorava a sensação e o cheiro quentes e calmantes daquela mulher.

Ela era delectável.

Há séculos que não tinha um sonho assim. Parecia tão real e, no entanto, ele sabia que não o era.

Ela era apenas uma criação da sua imaginação sedenta.

Ainda assim, tocava-lhe de uma forma que nunca antes conhecera. E cheirava tão bem como rosas frescas e *rouge*.

Feminina. Suave.

Um pedaço tenro à espera de ser provado por ele. Ou, melhor ainda, devorado.

Afastando-se, voltou a sua atenção para o cabelo que o fazia lembrar o brilho do Sol. As fogosas madeixas douradas cativavam-no enquanto os caracóis lhe envolviam os dedos e lhe tocavam nos limites do coração de pedra.

— Tens um cabelo tão bonito.

— Tu também — disse ela, enquanto lhe afastava o cabelo do rosto.

Tocou-lhe nos pelos curtos com a unha, enquanto traçava a linha do maxilar. Pelos deuses, há quanto tempo é que ele não tinha uma mulher?

Três, quatro meses?

Três, quatro décadas?

Era difícil ter a noção do tempo quando este se estendia sem fim. Tudo o que sabia é que há muito tinha desistido de ter uma mulher, assim, sob o seu corpo.

Como mulher alguma era capaz de se lembrar dele, recusava-se a tomar mulheres decentes.

Sabia demasiado bem como era acordar depois de uma noite de sexo e não fazer ideia do que lhe fora feito. Permanecer deitado, tentando perceber o que tinha sido real e o que tinha sido parte de um sonho.

Por isso tinha limitado os seus encontros a mulheres a quem podia pagar pelos seus serviços, e só quando já não era capaz de suportar o celibato.

Mas aquela lembrava-se do seu beijo.

Ela lembrara-se *dele*.

Tal pensamento fez-lhe voar o coração. Gostava daquele sonho e, se pudesse, permaneceria nele para sempre.

— Diz-me o teu nome, *villkat*.

— Cassandra.

Sentiu a palavra ressoar sob os lábios enquanto lhe beijava a garganta. Ela tremeu em resposta à sensação da língua dele a tocar-lhe na pele.

E ele adorava-o. Adorava os sons que ela emitia em resposta às suas carícias. Cassandra passou as mãos quentes e ansiosas pelas costas nuas dele, depois parou, a mão direita sobre a marca no ombro esquerdo dele.

— O que é isto? — perguntou, curiosa.

Ele olhou para baixo, para o símbolo do arco e flecha.

— É a marca de Ártemis, deusa da caça e da lua.

— Todos os Predadores da Noite a têm?

— Sim.

— Que estranho...

Wulf já não era capaz de suportar a barreira de flanela. Queria ver mais dela.

Wulf ergueu a bainha da camisa de dormir.

— Isto devia ser queimado.

Ela franziu o sobrolho.

— Porquê?

— Porque te separa de mim.

Com um puxão, tirou-lha pela cabeça.

Os olhos dela abriram-se por uns instantes, depois escureceram com a sua própria paixão.

— Ora bem, assim está melhor — sussurrou ele, apreciando a visão dos seios firmes dela, da cintura estreita e, acima de tudo, dos caracóis acobreados no ponto onde as coxas se juntavam.

Passou a mão entre os seios dela, desceu-a ao longo da barriga e tornou-lhe a anca.

Cassandra estendeu a mão e passou-a pela gloriosa pele do peito dele, deliciando-se com o terreno rochoso dos seus músculos. Era uma sensação maravilhosa. O corpo dele movia-se a cada movimento que fazia.

O seu poder mortal era inegável e, no entanto, era carinhoso como um leão domado, na sua cama. Ela não conseguia acreditar na ternura do seu toque quente e magistral.

As suas feições sombrias e temperamentais tocavam-lhe profundamente e os seus olhos revelavam uma inteligência vital enquanto absorviam o mundo à sua volta.

Ela queria domar aquele animal selvagem.

Dar-lhe de comer à mão.

Com esse pensamento, Cassandra passou o braço entre os corpos dos dois e tomou-lhe o pênis na mão.

Ele rosnou, no fundo da garganta, depois beijou-a loucamente.

Como um predador esguio e musculado, ele movia-se sobre a boca dela, queimando-a com os seus beijos.

— Sim — arquejou ele, enquanto ela o tomava nas mãos. Com a respiração entrecortada, fitou-a com uma fome tão crua que a fez tremer de antecipação.

— Toca-me, Cassandra — sussurrou, cobrindo a mão dela com a sua.

Ela observou-o, enquanto ele fechava os olhos e lhe mostrava como afagá-lo. Cassandra mordeu o lábio perante a sensação de o ter nas mãos. Ele era um homem grande. Grande, grosso e poderoso.

Com o maxilar tenso, ele abriu os olhos e queimou-a com um olhar escaldante. Ela soube que a brincadeira tinha chegado ao fim.

Como um predador subitamente liberto, fê-la rebolar até ficar de costas e afastou-lhe as pernas com os joelhos. Baixou o corpo comprido e esguio sobre o dela e, tal como tinha prometido, devorou-a.

Cassandra arquejou enquanto as mãos e os lábios dele analisavam cada centímetro do corpo dela, com uma intensidade furiosa. E quando ele enterrou a mão entre as suas pernas, toda ela tremeu. Os dedos longos acariciavam e tocavam fundo dentro dela, provocando-a até se sentir fraca.

— Estás tão molhada — rosnou-lhe ao ouvido enquanto se afastava dela.

Cassandra tremeu quando ele lhe afastou mais as pernas.

— Olha para mim — ordenou. — Quero ver o teu prazer quando te tomar.

Ela olhou para ele.

No preciso momento em que os seus olhares se encontraram, ele enterrou-se profundamente dentro dela.

Ela gemeu de prazer. Ele era tão duro e grosso, e era maravilhoso sentir os impulsos dele contra as suas ancas.

Wulf afastou-se para poder observar o rosto dela enquanto faziam amor, lentamente, saboreando a sensação do corpo quente e húmido sobre o seu. Mordeu o lábio quando ela lhe passou a mão pelas costas, que depois marcou com as unhas.

Ele rosnou em resposta, desejando provar o seu lado selvagem.

A sua paixão.

Ela pousou as mãos sobre as costas dele, incitando-o a mover-se mais depressa. Ele fez-lhe a vontade de bom grado. Ela ergueu as ancas e ele riu.

Se ela queria assumir o controlo, ele estava, certamente, disposto a permiti-lo. Rebolando, puxou-a para cima dele, sem nunca abandonar o seu corpo.

Ela arquejou, olhando para ele.

— Monta-me, *elksling* — murmurou.

Com os olhos escuros e indomados, inclinou-se para a frente, deixando o cabelo cair sobre o peito dele, deslizou sobre ele, quase deixando de o cobrir com o corpo, depois caiu para trás, tomando-o por completo dentro de si.

Ele tremeu com a força da sensação.

Tomou-lhe os seios nas mãos e apertou-os, gentilmente, enquanto ela assumia o controlo do prazer de ambos.

Cassandra não conseguia acreditar na sensação de o ter sob ela. Já se passara muito tempo desde a última vez que fizera amor com um homem e nunca tivera um assim.

Um que fosse tão inatamente masculino. Tão viril e selvagem.

Um sobre quem ela não soubesse nada a não ser que fazia tremer o povo da sua mãe.

E que lhe tinha salvado a vida.

Devia ter sido a sua sexualidade reprimida que o tinha chamado para os seus sonhos. A sua necessidade de estabelecer contacto com alguém antes de morrer.

Esse era o seu maior arrependimento. Devido à maldição que pendia sobre a família da mãe, tivera medo de se aproximar de outros *apollite*. Como a mãe antes dela, tinha sido obrigada a viver no mundo humano, como se fosse um deles.

Mas nunca fora um deles. Não de verdade.

Tudo o que alguma vez quisera fora ser aceite. Encontrar alguém que conseguisse compreender o seu passado e não pensar que ela era louca quando contasse as suas histórias de uma linhagem amaldiçoada.

E dos monstros que atacam de noite.

Agora tinha um Predador da Noite só seu.

Pelo menos durante aquela noite.

Grata por isso, deitou-se sobre ele e deixou que o calor do seu corpo acalmasse o dela.

Wulf tomou-lhe o rosto nas mãos e observou-a enquanto ela experimentava o ponto mais alto do prazer. Depois rebolou, ficando sobre ela e assumiu o controlo. Lançou-se profundamente dentro dela, enquanto sentia o seu corpo agitar-se em redor de si. Os arquejos dela acompanhavam os seus movimentos, de tal forma que parecia estar a cantar.

Ele riu.

Até sentir o próprio corpo explodir.

Cassandra envolveu-o com todo o seu corpo, quando o sentiu libertar-se. Ele caiu sobre ela.

Era tão bom sentir o seu peso. Tão maravilhoso.

— Foi incrível — disse ele, erguendo a cabeça para lhe sorrir enquanto permaneciam intimamente ligados. — Obrigado.

Ela devolveu-lhe o sorriso.

No preciso momento em que erguia as mãos para lhe tomar o rosto, ouviu o seu próprio despertador.

Cassandra acordou de repente.

O coração ainda batia, acelerado, quando se voltou para desligar o relógio. E só então compreendeu que o cabelo já não estava entrançado e que a camisa de dormir se encontrava no chão, num monte amarrotado.

WULF acordou sobressaltado. Com o coração a bater, acelerado, olhou para o relógio. Pouco passavam das seis e, pela atividade no andar de cima, percebia-se que era manhã.

Franzindo o sobrolho, olhou para a escuridão em seu redor. Não havia nada de estranho.

Mas o sonho...

Tinha parecido tão incrivelmente real.

Rebolou, ficando de lado, e agarrou a almofada, fechando a mão.

— Malditos poderes psíquicos — rosnou. Nunca o deixavam em paz. E agora torturavam-no com coisas que sabia que não podia ter.

Enquanto voltava a adormecer, quase podia jurar que tinha sentido um suave perfume a rosas e *rouge* sobre a sua pele.

— **EI**, Cass — saudou Kat, enquanto Cassandra se sentava à mesa para o pequeno-almoço.

Cassandra não respondeu. Continuava a ver Wulf, uma e outra vez, sem cessar. Continuava a sentir as mãos dele sobre o seu corpo.

Se não soubesse melhor, podia jurar que ele ainda estava com ela.

Mas ela não sabia quem era o amante dos seus sonhos. Porque é que a assombrava.

Era tão estranho.

— Estás bem? — perguntou Kat.

— Sim, acho eu. Não dormi bem a noite passada, é só.

Kat encostou a mão à testa de Cassandra.

— Pareces febril, mas não estás.

Ela estava febril, realmente, mas não era por doença. Havia uma parte dela que não desejava mais do que voltar a adormecer, descobrir aquele homem misterioso e continuar a fazer amor com ele durante o resto do dia.

Kat passou-lhe os cereais.

— Já agora, a Michelle ligou-me e pediu-me que te agradecesse por lhe teres apresentado o Tom a noite passada. Ele quer que ela vá ter com ele ao Inferno outra vez, esta noite, e ela queria saber se podíamos ir com ela.

Cassandra tremeu quando as palavras de Kat libertaram algo na sua memória.

De súbito, viu o Inferno na noite anterior. Viu os *daemon*.

Lembrou-se do terror que sentira.

Mas, acima de tudo, lembrou-se de *Wulf*.

Não do amante terno dos seus sonhos, mas do homem sombrio e assustador que matara os *daemon* mesmo à sua frente.

— Oh, meu Deus — murmurou enquanto cada pormenor da noite anterior se tornava claro.

“*Dentro de cinco minutos nenhum ser humano que se encontre naquele bar se lembrará de me ter visto.*” As palavras dele trespassaram-lhe a mente.

Mas ela recordava-se dele.

Bem.

Tê-lo-ia levado para casa consigo?

Não. Cassandra acalmou-se um pouco, recordando-se, nitidamente, de ele a ter deixado. De ter regressado ao interior do bar e se ter juntado às amigas.

Mas tinha acordado nua. O corpo húmido e satisfeito...

— Cass, estou a começar a ficar preocupada.

Cassandra respirou fundo e afastou todos aqueles pensamentos. Fora um sonho. Só podia ser. Mais nada fazia sentido. Mas quando se tratava de seres sobrenaturais como os *daemon* e os Predadores da Noite, as coisas raramente faziam sentido.

— Estou bem, mas não vou à primeira aula. Acho que precisamos de investigar um pouco e fazer umas coisas.

Kat parecia ainda mais preocupada que antes.

— Tens a certeza? Não parece teu faltares a uma aula, seja por que motivo for.

— Sim — respondeu, oferecendo-lhe um sorriso. — Vai só buscar o computador e vamos ver o que conseguimos descobrir sobre os Predadores da Noite.

Kat arqueou uma sobrancelha.

— Porquê?

Em todos os anos durante os quais Cassandra fora perseguida pelo povo da sua mãe, só confiara a verdade sobre o seu mundo a dois guarda-costas.

Um tinha morrido quando Cassandra tinha apenas treze anos, numa luta que quase a matara.

O outro fora Kat, que aceitara a verdade com muito mais facilidade do que o primeiro guarda-costas. Kat limitara-se a olhar para ela, a piscar os olhos e a dizer: “Fixe. Posso matá-los sem ir presa?”

Desde esse dia, Cassandra nunca mais guardara qualquer segredo de Kat. A amiga e guarda-costas sabia tanto sobre os *apollite* e os seus costumes quanto Cassandra.

O que não era muito. Os *apollite* tinham o péssimo hábito de não deixar ninguém saber da sua existência.

Ainda assim, tinha sido um alívio tão grande encontrar alguém que não a achasse louca ou delirante. Mas, durante os últimos cinco anos, Kat já tinha visto *daemon* e *apollite* suficientes atrás delas para saber que era verdade.

Ao longo dos últimos meses, à medida que Cassandra se aproximava do fim da vida, os ataques de *daemon* tinham diminuído o suficiente para que ela pudesse apreciar uma certa normalidade. Mas Cassandra não era tola o suficiente para pensar que se encontrava em segurança. Ela nunca estaria em segurança.

Não até ao dia da sua morte.

— Acho que conhecemos um Predador da Noite, ontem.

Kat franziu o sobrolho.

- Quando?
- No bar.
- Quando? — repetiu.

Cassandra hesitou em dizer-lhe. Havia vários pormenores que permaneciam vagos, mesmo para ela, e até que se lembrasse melhor, não queria alarmar Kat.

— Vi-o na multidão.

— Então como é que sabes que era um Predador da Noite? Pensei que tinhas dito que não passavam de histórias.

— Não sei ao certo. Podia ser apenas um tipo estranho, de cabelo escuro e presas, mas se eu tiver razão e ele estiver aqui, na cidade, quero sabê-lo porque ele pode ser capaz de me dizer se vou ou não cair morta dentro de oito meses.

— Está bem, é um bom argumento. Mas, sabes, podia ser apenas um daqueles falsos vampiros góticos que frequentam o Inferno.

Kat dirigiu-se ao quarto de onde trouxe o portátil que colocou sobre a mesa da cozinha, enquanto Cassandra acabava de comer.

Mal ficou pronta, Cassandra entrou no *site* Katoteros.com. Tratava-se de uma comunidade *online* que encontrara há pouco mais de um ano, onde os *apollite* podiam falar uns com os outros. Para o público em geral, parecia apenas um *site* sobre história grega, mas havia zonas protegidas por palavras-chave.

Não havia lá nada sobre Predadores da Noite. Por isso, ela e Kat passaram algum tempo a tentar entrar nas áreas privadas, o que se revelou ainda mais impossível do que entrar nos servidores do governo.

Qual era o problema com os seres sobrenaturais para não quererem que os outros soubessem do seu paradeiro?

Está bem, ela percebia a necessidade de segredo. Ainda assim, era muito chato para uma mulher em busca de respostas.

O mais perto que esteve de encontrar ajuda foi um *link* “Pergunte ao Oráculo”. Cassandra clicou nele e escreveu uma mensagem simples: “Os Predadores da Noite são reais?”

Depois disso, fez uma busca por Predadores da Noite e não encontrou nada de jeito.

Antes de desligar o computador, recebeu uma mensagem do Oráculo, e a resposta tinha apenas duas palavras:

Tu és?

— Talvez sejam apenas lendas — repetiu Kat.

— Talvez. — Mas as lendas não beijavam as mulheres como Wulf a beijara, nem arranjavam forma de entrar nos seus sonhos.

...

DUAS horas depois, Cassandra decidiu utilizar o seu último recurso: o pai.

Kat conduziu-a até ao escritório do pai, localizado num arranha-céus na baixa de St. Paul. O trânsito do final da manhã até estava calmo e Kat conseguiu dar-lhe apenas um ataque cardíaco com o seu estilo de condução ziguezagueante.

Independentemente da hora do dia ou da seriedade do engarrafamento, Kat conduzia sempre como se os *daemon* estivessem atrás delas.

Kat enfiou o carro na garagem, abrindo o portão automático ao mesmo tempo que entrava, antes de ter ultrapassado um *Toyota* que se movia lentamente e de lhe ter roubado um bom lugar.

O condutor mostrou-lhes o dedo, depois continuou.

— Juro, Kat, conduzes como se estivesses a jogar num simulador.

— Pois, pois. Queres ver a arma lazer que tenho debaixo do capô para dar cabo deles, se não me saírem da frente?

Cassandra riu, embora uma parte dela se perguntasse se Kat não teria realmente algo escondido debaixo do capô. Conhecendo a amiga, era bem possível.

Mal deixaram o carro no estacionamento e entraram no edifício, chamaram a atenção de todos os presentes. Mas isso acontecia sempre. Não era todos os dias que as pessoas viam duas mulheres, ambas com mais de um metro e oitenta. Já para não mencionar o facto de Kat ser espantosamente bela; Cassandra teria de lhe cortar a cabeça se quisesse fazer com que parecesse pertencer a qualquer local que não Hollywood.

Como um guarda-costas sem cabeça era algo deveras inútil, Cassandra fora obrigada a tolerar uma mulher que devia estar a trabalhar para a LA Models.

Os seguranças da empresa saudaram-nas à porta com um aceno de cabeça e fizeram-lhes sinal para entrar.

O pai de Cassandra era o famoso Jefferson T. Peters, da Peters, Briggs & Smith Pharmaceuticals, uma das maiores empresas de investigação e desenvolvimento de fármacos do mundo.

Muitas das pessoas por quem passava enquanto percorria o edifício lançavam-lhe um olhar ciumento. Sabiam que era a única herdeira do pai e todos pensavam que tinha a vida feita.

Se ao menos soubessem...

— Bom dia, *Miss Peters*. — A assistente administrativa saudou-a quando chegou, por fim, ao vigésimo segundo piso. — Devo avisar o seu pai?

Cassandra sorriu à mulher extremamente atraente e magra, que era muito simpática, mas que a fazia sempre sentir como se devesse perder uns cinco quilos, e passou a mão pelo cabelo para o alisar. Tina era uma dessas

pessoas, escrupulosamente bem vestidas que nunca tinha uma molécula fora do sítio.

Envergando um impecável fato Ralph Lauren, Tina era a antítese de Cassandra, que estava vestida com uma sweatshirt da faculdade e calças de ganga.

— Ele está sozinho?

Tina acenou.

— Então vou fazer-lhe uma surpresa.

— Vai sem dúvida. Sei que ele vai ficar feliz por vê-la.

Deixando Tina com o seu trabalho e Kat à espera numa cadeira próximo da secretária de Tina, Cassandra entrou no domínio sagrado do pai.

De *design* contemporâneo, o gabinete transmitia uma sensação de “modernidade”, mas o pai era tudo menos moderno. Tinha amado apaixonadamente a mãe de Cassandra e, desde o nascimento da filha, que se lhe dedicava com todo o seu ser.

O pai era um homem excepcionalmente bem-parecido, de cabelo castanho-escuro já salpicado de alguns cabelos prateados que lhe davam um ar distinto. Aos cinquenta e nove anos estava em boa forma, cuidado, e parecia ter pouco mais de quarenta.

Embora ela tivesse sido obrigada a crescer longe dele, por medo que os *apollite* ou os *daemon* a encontrassem, caso ficasse demasiado tempo no mesmo lugar, ele nunca estivera muito longe dela, mesmo quando se encontrava do outro lado do mundo. À distância de um telefonema ou viagem de avião.

Ao longo dos anos, foi aparecendo à sua porta, de forma inesperada, com presentes e abraços, por vezes a meio da noite. Por vezes a meio do dia.

Enquanto eram pequenas, ela e as irmãs costumavam fazer apostas sobre quando é que ele voltaria a aparecer para as visitar. Nunca dececionara nenhuma delas, nem perdera um único aniversário.

Cassandra amava aquele homem mais do que qualquer outra coisa no mundo e aterrorizava-a pensar no que lhe aconteceria se ela morresse dentro de oito meses como os outros *apollite*. Assistira por demasiadas vezes à sua dor e sofrimento, ao enterrar a mãe dela e as suas quatro irmãs mais velhas.

Cada uma das mortes dilacerara-lhe o coração, em especial a bomba colocada num carro, que tinha provocado a morte da mãe e das suas duas últimas irmãs.

Seria ele capaz de suportar mais um golpe como aquele?

Afastando esse pensamento aterrorizante, aproximou-se da secretária de aço e vidro.

Encontrava-se ao telefone, mas desligou assim que ergueu os olhos da pilha de papéis e a viu.

O rosto iluminou-se de imediato; levantou-se e abraçou-a, depois afastou-se com um franzir de sobrolho preocupado.

— O que estás a fazer aqui, bebé? Não devias estar nas aulas?

Ela deu-lhe uma palmadinha no braço e fez-lhe sinal que regressasse ao seu lado da secretária, enquanto ocupava um dos cadeirões à sua frente.

— Provavelmente.

— Então porque estás aqui? Não parece teu, faltares às aulas para me vires ver.

Ela riu, ao ouvi-lo repetir as palavras de Kat. Talvez ela precisasse de mudar um pouco os seus hábitos. Na sua posição, um comportamento previsível era um risco.

— Queria falar contigo.

— Sobre?

— Os Predadores da Noite.

Ele ficou pálido, fazendo com que ela se perguntasse quanto é que ele sabia e quanto estava disposto a partilhar. Tinha a péssima tendência de a proteger demasiado, daí o seu longo legado de guarda-costas.

— Porque queres saber sobre eles? — perguntou, cauteloso.

— Porque fui atacada por *daemon* a noite passada e um Predador da Noite salvou-me a vida.

Ele ergueu-se de um pulo e correu para o lado da secretária onde ela se encontrava.

— Magoaste-te?

— Não, papá — apressou-se a acalmá-lo, enquanto ele tentava inspecionar-lhe o corpo em busca de ferimentos. — Só me assustei.

Ele afastou-se com um franzir de sobrolho sério, mas manteve as mãos no braço dela.

— Muito bem, ouve. Precisas de desistir da faculdade, vamos...

— Papá — disse ela com firmeza —, não vou desistir a menos de um ano do fim do curso. Estou farta de fugir.

Embora talvez não vivesse mais de oito meses, havia uma possibilidade de que assim não fosse. Até saber ao certo, tinha prometido viver a vida com toda a normalidade possível.

Viu a expressão horrorizada no rosto dele.

— Isto não é algo que se possa debater, Cassandra. Jurei à tua mãe que te protegeria dos *apollite* e vou fazê-lo. Não vou deixar que te matem também.

Ela cerrou os dentes ao recordar o juramento que ele considerava tão

sagrado como aquele gabinete e aquela empresa. Ela conhecia demasiado bem o legado que tinha recebido pelo lado da mãe.

Há muitos séculos, fora um antepassado seu a provocar a maldição sobre os *apollite*.

Por ciúmes, a sua tetra-tetra-seja-o-que-for tinha enviado soldados para assassinar o filho e a amante do deus Apolo. Como forma de retaliação, o deus grego do Sol tinha banido todos os *apollite* da sua presença.

Como a rainha *apollite* tinha ordenado aos seus homens que fizessem com que parecesse que um animal tinha matado a mãe e a criança, Apolo deu aos *apollite* características animais: longos dentes caninos, velocidade, força e olhos de predador. Foram obrigados a alimentar-se do sangue uns dos outros para sobreviver.

O deus furioso banira-os da luz do dia para não mais ter de os ver.

Mas o golpe mais cruel de todos fora o facto de os ter amaldiçoado a uma vida de apenas vinte e sete anos: a mesma idade da sua amante quando fora morta pelos *apollite*.

Ao completar vinte e sete anos, um *apollite* passava todo o dia em lenta e dolorosa decadência. Era uma morte tão horrível que a maioria se suicidava ritualmente no dia anterior ao do seu aniversário para fugir a tal destino.

A única esperança de um *apollite* era matar um ser humano e acolher no seu corpo a alma humana. Não havia outra forma de prolongar a sua breve vida. Mas, assim que se transformavam em *daemon*, passavam para o outro lado e faziam cair sobre si a ira dos deuses.

Era nesse momento que os Predadores da Noite eram chamados para os matar e libertar as almas humanas roubadas antes que as almas presas definhassem e morressem.

Dentro de oito meses, Cassandra faria vinte e sete anos.

Era algo que a aterrorizava.

Ela era parte humana e, por isso, podia andar à luz do dia, mas tinha de se manter coberta e não podia permanecer nela durante muito tempo, sem sofrer queimaduras sérias.

Os seus longos dentes caninos tinham sido aparados por um dentista, quando ela tinha dez anos e, embora fosse anémica, a sua necessidade de sangue podia ser satisfeita com transfusões bimensais.

Tinha sorte. A mão-cheia de outros meio-*apollite*, meio-humanos que conhecera ao longo dos anos tinha pendido mais para a sua herança *apollite*.

Todos tinham morrido aos vinte e sete.

Todos.

Mas Cassandra sempre se agarrara à esperança de ser suficientemente humana para ser capaz de sobreviver ao seu aniversário.

Recentemente, contudo, não tinha tanta certeza e nunca fora capaz de encontrar alguém que soubesse mais sobre a sua “condição” do que ela própria.

Cassandra não queria morrer. Não agora, quando ainda tinha tanto para viver. Queria o que quase todas as pessoas querem. Um marido. Uma família.

Acima de tudo, um futuro.

— Talvez este Predador da Noite saiba algo sobre o meu sangue misto. Talvez ele...

— A tua mãe entrava em pânico de cada vez que o seu nome era mencionado — disse ele, enquanto lhe aflagava o rosto. — Sei muito pouco sobre os *apollite*, mas sei que odeiam os Predadores da Noite. A tua mãe dizia que eram assassinos maus e sem alma, com quem era impossível falar.

— Eles não são o Exterminador, papá.

— Tendo em conta a forma como a tua mãe falava deles, são.

Bem, isso era verdade. A mãe passara horas a avisá-la e às irmãs sobre a necessidade de se manterem longe de três coisas: Predadores da Noite, *Daemon* e *Apollite*, por essa ordem.

— A mãe nunca conheceu nenhum. Tudo o que ela sabia tinha-lhe sido dito pelos pais e aposto que eles também nunca tinham visto nenhum. Além disso, e se este Predador da Noite for a chave para descobrir uma forma de viver mais tempo?

Ele agarrou-lhe a mão com mais força.

— E se ele tiver sido enviado para te matar como os *daemon* e os *apollite* que mataram a tua mãe? Sabes o que diz o mito: se te matarem, a maldição será levantada.

Ela pensou sobre isso por um segundo.

— E se eles tiverem razão? E se a minha morte permitir que os outros *apollite* vivam normalmente? Talvez eu devesse morrer.

O rosto dele ficou vermelho de raiva. O olhar dele queimou o seu, ao mesmo tempo que lhe agarrava a mão com mais força.

— Cassandra Elaine Peters, é melhor que nunca mais te ouça dizer tal coisa. Compreendes?

Cassandra acenou, lamentando ter provocado aquele aumento da pressão sanguínea do pai, quando isso era a última coisa que desejava.

— Eu sei, papá. Estou apenas perturbada.

Ele beijou-lhe a testa.

— Eu sei, bebé. Eu sei.

Ela viu o tormento no rosto dele, enquanto se levantava e regressava à sua cadeira.

Ele não dizia o que ambos pensavam. Há muito tempo, tinha confiado a um pequeno grupo de investigadores a tarefa de descobrir uma “cura” para a sua doença rara, apenas para descobrir que a ciência moderna era inútil perante a ira de um deus antigo.

Talvez ele tivesse razão, talvez Wulf fosse tão perigoso para ela como todos os outros. Ela sabia que os Predadores da Noite tinham jurado matar os *daemon*, mas não sabia como é que eles lidavam com os *apollite*.

A mãe sempre lhe dissera para não confiar em ninguém, muito menos naqueles que viviam para matar o seu povo.

Ainda assim, o seu instinto dizia-lhe que uma raça que passara a eternidade a caçar a dela saberia tudo sobre o assunto.

Por outro lado, porque haveria um Predador da Noite de ajudar um *apollite*, quando eram inimigos jurados?

— Foi uma ideia parva, não foi?

— Não, Cassie — disse o pai, suavemente. — Não foi parva de todo.

Só não quero que te magoes.

Ela levantou-se e foi dar-lhe um abraço e um beijo.

— Vou para as aulas e esqueço o assunto.

— Continuo a achar que devias pensar em partir por algum tempo.

Se os *daemon* te viram, podem ter dito a mais alguém que estás aqui.

— Acredita em mim, papá, eles não tiveram tempo. Ninguém sabe que eu estou aqui e não quero partir.

Nunca.

A palavra permaneceu por dizer, entre eles. Ela viu os lábios do pai tremerem, quando ambos consideraram o facto de que o tempo estava a chegar ao fim para ela.

— Porque não vens jantar comigo esta noite? — perguntou o pai. — Saio mais cedo do trabalho e...

— Prometi à Michelle que podíamos fazer uma coisa. Vemo-nos amanhã?

Ele acenou e apertou-a com tanta força que ela se encolheu, devido à pressão dos braços dele em redor da sua cintura.

— Tem cuidado.

— Terei.

Pela expressão no rosto dele, podia ver que não queria que ela se fosse embora tal como ela não queria partir.

— Amo-te, Cassandra.

— Eu sei. Também te amo, papá. — Ela presenteou-o com um sorriso e deixou-o com o seu trabalho.

Cassandra avançou através do escritório e para o exterior do edifício, enquanto os seus pensamentos regressavam ao sonho com Wulf e à sensação de o ter nos seus braços.

Kat deixou-se ficar para trás e permaneceu em silêncio absoluto, dando-lhe o espaço de que ela necessitava. Era o que mais gostava na sua guarda-costas.

Por vezes, parecia que Kat estava fisicamente ligada a ela.

— Preciso de um Starbucks — disse Cassandra a Kat, por cima do ombro. — E tu?

— Estou sempre pronta para um café. Deem-me esses grãos moídos ou matem-me.

Enquanto percorria a rua na direção do café, Cassandra começou a pensar, cada vez mais, sobre os Predadores da Noite.

Como, até então, os considerara mitos com que a mãe a costumava assustar, nunca os tinha investigado enquanto estudava a Grécia antiga. Desde pequena que passava todo o tempo livre a pesquisar a história da mãe e as lendas antigas.

Não se recordava de alguma vez ter encontrado qualquer referência aos Predadores da Noite nas suas leituras, o que servira apenas para confirmar, na sua mente, que a mãe lhe contava histórias de papões e não de pessoas reais.

Mas talvez tivesse ignorado...

— Ei, Cassandra!

Ela ergueu os olhos dos seus pensamentos para ver um dos colegas da faculdade a acenar enquanto se aproximava do Starbucks. Era alguns centímetros mais baixo que ela e engraçado, muito ao estilo dos Escuteiros. O cabelo preto era curto e encaracolado e tinha amistosos olhos azuis.

Algo nele a fazia pensar em Opie Taylor de *The Andy Griffith Show* e quase esperava que ele lhe chamasse “minha senhora”.

— Chris Eriksson — sussurrou Kat baixinho enquanto ele se aproximava.

— Obrigada — disse Cassandra num tom igualmente baixo, grata por a capacidade de Kat para se recordar de nomes ser muito superior à sua. Conseguia recordar os rostos, mas os nomes fugiam-lhe muitas vezes.

Ele parou à frente delas.

— Olá, Chris — disse ela, sorrindo-lhe. Ele era mesmo simpático e tentava sempre ajudar todos os que precisavam. — O que te traz aqui?

Ele pareceu imediatamente desconfortável.

— Eu, hã, fui buscar umas coisas para uma pessoa.

Kat trocou com ela um olhar interessado.

— Parece algo dúbio. Espero que não seja ilegal.

Ele corou profundamente.

— Não, não é ilegal. Apenas algo pessoal.

Por alguma razão, Cassandra achou que ilegal soava melhor. Esperou um minuto ou dois enquanto ele a observava, com um ar deveras atropalhado.

Chris era um aluno de licenciatura na sua turma de Inglês Antigo. Nunca tinham falado muito um com o outro, a não ser para comparar notas, sempre que ela tinha dificuldade em traduzir alguma coisa. Chris era o menino querido do professor e conseguia notas perfeitas em todos os testes.

Na aula, todos o queriam matar por dar cabo da média.

— Fizeste o trabalho para a aula desta tarde? — acabou ele por perguntar.

Ela acenou.

— Era ótimo, não era? Mesmo excitante. — Pela expressão no seu rosto, ela compreendeu que ele estava a falar a sério.

— Como brocarem-me os dentes sem Novocaína — disse ela, com a intenção de ser engraçada e brincalhona.

Ele não o entendeu assim.

A expressão alegre desapareceu.

— Desculpa. Estou a ser outra vez um cromo. — Puxou a orelha, nervoso e baixou os olhos para o chão. — É melhor ir andando. Tenho mais umas coisas para fazer.

Quando ele se começava a afastar, ela chamou-o.

— Ei, Chris?

Ele parou e voltou-se para olhar para ela.

— Síndrome do Filho Superprotegido?

— Desculpa?

— Também és superprotegido, não és?

Ele coçou a parte de trás do pescoço.

— Como é que sabes?

— Acredita em mim, apresentas os sintomas clássicos. Eu também os costumava apresentar mas, passados anos de terapia intensa, aprendi a escondê-los e agora quase consigo funcionar normalmente.

Ele riu.

— Tens à mão o nome desse terapeuta?

Ela sorriu.

— Claro. — Cassandra inclinou a cabeça na direção do café. — Tens tempo para nos fazeres companhia enquanto tomamos um café?

Ele acenou como se ela tivesse acabado de lhe entregar as chaves do Forte Knox.

— Sim, obrigado.

Ela e Kat entraram no Starbucks, com Chris logo atrás delas, como um cachorrinho feliz cujo dono tinha acabado de chegar a casa.

Depois de receberem as suas bebidas, sentaram-se no fundo da sala, longe das janelas, onde a luz não a podia queimar.

— Porque é que estás a fazer Inglês Antigo? — perguntou Chris, depois de Kat ter pedido licença e se ter dirigido à casa de banho. — Não pareces ser o tipo de pessoa que se voluntaria para tal castigo.

— Estou sempre a tentar investigar coisas antigas — disse ela, à falta de melhor termo. Era difícil explicar a um estranho que investigava pragas e feitiços antigos na esperança de poder prolongar a sua vida. — E tu? Pareces o tipo de pessoa que ficaria mais à-vontade numa aula de Informática.

Ele encolheu os ombros.

— Estava atrás dos 20s fáceis, este semestre. Queria alguma coisa que não me desse trabalho.

— Sim, mas Inglês Antigo? Em que tipo de casa é que vives?

— Uma onde a língua é, de facto, falada.

— Estás a gozar! — disse ela, incapaz de acreditar. — Quem é que fala realmente inglês antigo?

— Nós falamos. A sério. — Depois disse-lhe qualquer coisa que ela não foi capaz de compreender.

— Acabaste de me insultar?

— Não — disse ele com sinceridade. — Nunca faria uma coisa dessas.

Ela sorriu, olhando de relance para a mochila dele que lhe chamou a atenção. Da bolsa aberta espreitava um *organizer* de pele castanha, de aspeto antigo. Do *organizer* pendia uma fita bordeaux à qual estava preso um medalhão interessante. O medalhão tinha uma imagem de um escudo redondo, atravessado por duas espadas e, sobre estas, as iniciais P.N.

Como era estranho ver aquilo precisamente nesse dia, quando tinha a mente fixa num tipo completamente diferente de P.N.

Talvez fosse um presságio

— P.N.? — perguntou ela, tocando no emblema. Voltou-o e sentiu o coração parar ao ver as palavras “Predador-da-Noite.com” gravadas.

— Hã? — Chris olhou para a mão dela. — Oh, oh! — disse, ficando nervoso. Uma vez mais. Tirou-lhe o *organizer* das mãos e voltou a guardá-lo na mochila que depois fechou. — É só uma coisa com que costume brincar.

Porque é que aquilo o deixava tão tenso? Tão obviamente desconfortável?

— Tens a certeza que não estás a fazer nada ilegal, Chris?

— Sim, acredita em mim. Se eu alguma vez tivesse um pensamento ilegal, seria apanhado e levaria um pontapé no traseiro.

Cassandra não se sentia assim tão certa, quando Kat se voltou a juntar a eles.

Predador-da-Noite.com...

Nunca tentara procurá-los utilizando o hífen para unir as palavras. E agora tinha um endereço na Internet que podia experimentar.

Tagarelaram durante mais alguns minutos, sobre a aula e a faculdade, depois separaram-se para que Chris pudesse terminar os seus afazeres antes da aula de Inglês Antigo ao fim da tarde e para que ela pudesse regressar ao *campus* a tempo da sua próxima aula.

Podia faltar a uma aula por dia, mas duas...

Nah. Cassandra era demasiado dedicada.

Pouco tempo depois, já se encontrava em segurança, atrás da sua secretária, à espera da chegada do professor de Clássicas enquanto os outros alunos conversavam em seu redor. Kat ficara à sua espera numa pequena área de descanso, ao fundo do corredor, a ler um romance de Kinley MacGregor.

Enquanto Cassandra esperava pelo professor, abriu o Palm Pilot decidida a navegar um pouco. Escreveu Predador-da-Noite.com.

Esperou que a página abrisse.

Mal isso aconteceu, ficou de boca aberta.

Oh, aquilo estava a ficar bom...

Capítulo

QUATRO

CHRIS suspirou quando se aproximou da sala de Inglês Antigo. Era um típico dia de graxa. A sua vida devia ser ótima. Tinha todo o dinheiro do mundo. Todos os luxos conhecidos. Não havia nada no mundo com que pudesse sonhar e que não pudesse ter.

Wulf tinha, até, trazido a Britney Spears para atuar na festa do vigésimo primeiro aniversário de Chris, na primavera anterior. O único problema tinha sido o facto de os únicos presentes serem ele próprio, os guarda-costas e Wulf, que passou todo o tempo a correr de um lado para o outro, tentando assegurar-se de que Chris não partia a cabeça nem ficava esgotado.

Isso para não falar dos três milhões de vezes em que Wulf o tinha incitado a galantear Britney. Ou, no mínimo, a declarar-se-lhe, o que resultou na sua rejeição, por entre uma enorme gargalhada que ainda lhe retinia nos ouvidos.

Tudo o que Chris queria era uma vida normal. Mais do que isso, queria a sua liberdade.

As únicas duas coisas que não podia ter.

Wulf nunca o deixava sair de casa sem ser marcado e seguido. Chris só podia voar para qualquer lado se o próprio Acheron, líder dos Predadores da Noite, o fosse buscar e mantivesse debaixo de olho durante todo o tempo. Os membros do Conselho dos Escudeiros sabiam que Chris era a última ligação de sangue entre Wulf e o seu irmão. Como tal, era guardado com mais zelo do que um tesouro nacional.

Sentia-se de tal forma alienígena que só queria encontrar um lugar onde não fosse considerado um absoluto anormal.

Mas era impossível. Não havia como escapar ao seu destino.

Não havia como escapar ao que era...

O último herdeiro.

Sem Chris e os seus filhos, Wulf ficaria só para toda a eternidade, porque só um ser humano nascido do sangue de Wulf se podia recordar dele.

O único problema consistia em encontrar uma mãe para esses filhos e ninguém se queria voluntariar.

Os seus ouvidos ainda zumbiam com a rejeição de Belinda, dez minutos antes.

“Sair contigo? Por-fa-vor! Liga-me quando tiveres crescido e aprendido a vestir melhor.”

Cerrando os dentes, tentou não pensar nas palavras rudes. Tinha vestido as suas melhores calças caqui e uma camisola azul-escura só para a convidar para sair. Mas sabia que não era suave ou *cool*.

Tinha a graça social de um idiota. O rosto banal do vizinho do lado e a confiança de um caracol.

Deus, ele *era* patético.

Chris parou em frente à porta da sala e viu os dois Escudeiros Thetis que o seguiam a uma distância “discreta”. De trinta e poucos anos, ambos com mais de um metro e oitenta, cabelo escuro e rostos sérios, tinham-lhe sido atribuídos pelo Conselho dos Escudeiros e o seu único dever era tomarem conta dele e garantirem que nada lhe acontecia até ter gerado filhos suficientes para deixar Wulf satisfeito.

Não que houvesse grande ameaça durante o dia. Em raras ocasiões um Doulos — servos humanos dos *apollite* — podia atacar um Escudeiro mas, nos dias que corriam, eram tão raros que mereceriam cobertura nacional.

Durante a noite, Chris estava proibido de sair da propriedade, a não ser para um encontro. O que parecia uma impossibilidade depois de a sua única namorada o ter deixado.

Suspirou perante a perspectiva de tentar encontrar outra pessoa disposta a sair com ele. Porque haveriam de o fazer se tinham de se sujeitar a análises de sangue e exames médicos?

Rosnou baixinho.

Enquanto Chris estava na aula, os Thetis colocavam-se junto à porta, garantindo-lhe o estatuto de anormal, ainda mais que a sua natureza solitária.

E quem é que o podia culpar por ser solitário? Caramba, tinha crescido numa casa onde não lhe era permitido correr, não fosse magoar-se.

Sempre que se constipava ou algo assim, o Conselho dos Escudeiros chamava uma especialista da Mayo Clinic para o tratarem. As poucas crianças que o pai tinha importado para brincarem com ele, provenientes de outras famílias de Escudeiros, tinham recebido ordens estritas para nunca lhe tocar, incomodar ou fazer qualquer coisa que levasse Wulf a ficar zangado com elas.

Por isso os “amigos” iam até sua casa, sentavam-se e viam televisão com ele. Raramente falavam, com medo de se meterem em sarilhos e nenhum se atrevia, sequer, a trazer um presente ou partilhar uma batata frita. Qualquer objeto tinha de ser cuidadosamente analisado e desinfetado antes que Chris fosse autorizado a brincar com ele. Afinal de contas, um pequeno germe e ele poder-se-ia tornar estéril ou, Deus não o permitisse, morrer.

O peso da civilização estava sobre ele ou, para ser mais exato, o peso da linhagem de Wulf estava sobre ele.

O único amigo verdadeiro que Chris tivera, em toda a sua vida, fora Nick Gautier, um recruta Escudeiro que tinha conhecido *online* alguns anos antes. Demasiado novo naquele mundo para compreender o estatuto protegido de Chris, Nick tinha-o tratado como um ser humano; além disso, o Cajun concordava que a vida de Chris era uma porcaria, apesar dos benefícios que a acompanhavam.

Caramba, só fora capaz de convencer Wulf a deixá-lo ir para a faculdade, em vez de contratar professores que fossem a sua casa dar-lhe as aulas, porque ali poderia, de facto, encontrar uma dadora de óvulos elegível. Wulf tinha ficado animado com a perspectiva e perguntava-lhe todas as noites se tinha ou não encontrado uma mulher nova.

Mais exatamente, tinha conseguido alguma coisa com ela?

Voltando a suspirar, Chris entrou na sala e manteve o olhar baixo, para não ver os olhares fixos e as expressões de despeito que a maioria dos estudantes lhe dirigia. Se não o odiassem por ser o aluno querido do Dr. Mitchell, odiá-lo-iam por ser um totó superprivilegiado. Já estava habituado.

Deixou-se cair numa cadeira vazia no canto mais afastado e pegou no caderno de apontamentos e no texto.

— Olá, Chris.

Sobressaltou-se ao ouvir a amigável voz feminina.

Erguendo os olhos, deparou-se com o sorriso aberto de Cassandra.

Completamente pasmado, demorou quase um minuto antes de ser capaz de lhe responder.

— Olá — foi a sua resposta fraca.

Odiava-se por ser tão parvo. Nick, provavelmente, já a teria a comer da palma da mão.

Ela sentou-se ao lado dele.

Chris começou a suar. Limpando a garganta, fez o que pôde para a ignorar e ao suave perfume de rosas que se erguia dela e chegava até ele. Ela sempre cheirara muito bem.

Cassandra abriu o livro na página do trabalho de casa e observou Chris. Ele parecia estar ainda mais nervoso agora do que no café.

Olhou de relance para a mochila dele, na esperança de obter mais um vislumbre do escudo, mas ele tinha-o escondido por completo.

Raios.

— Então, Chris — disse suavemente, inclinando-se um pouco mais na sua direção —, estava a pensar se seria possível estudar contigo mais tarde.

Ele ficou branco e parecia prestes a fugir.

— Estudar? Comigo?

— Sim. Disseste que conhecias muito bem estas coisas e eu gostava de conseguir um 20 no teste. O que achas?

Ele esfregou a parte de trás do pescoço, nervoso. Tratava-se, obviamente, de um tique, já que parecia fazê-lo com grande frequência.

— Tens a certeza que queres que *eu* estude *contigo*?

— Sim.

Ele sorriu, inocente, mas recusou-se a olhá-la nos olhos.

— Claro, acho que não haveria problema.

Cassandra recostou-se, com um sorriso satisfeito, enquanto o Dr. Mitchell entrava e ordenava a todos que fizessem silêncio.

Tinha passado horas no *site* Predador-da-Noite.com, depois da última aula, vasculhando todos os seus recantos. À superfície, parecia ser uma espécie de grupo de interpretação de personagens ou o *site* de um livro.

Mas havia secções inteiras protegidas por palavras-chave. Atalhos e áreas secretas que não era capaz de aceder por muito que tentasse. Havia nele muitas coisas que a faziam pensar no *site* dos *apollite*.

Não, aquilo não era um grupo dedicado a um jogo. Ela tinha tropeçado nos verdadeiros Predadores da Noite. Tinha a certeza.

Era o último grande mistério do mundo moderno. Mitos vivos que todos desconheciam.

Mas ela sabia que estavam ali. E ia descobrir uma forma de entrar na sua sociedade e descobrir algumas respostas, mesmo que isso a matasse.

Permanecer em silêncio enquanto o professor dissertava sobre Hrothgar e Shield fora a coisa mais difícil que tivera de fazer em toda a sua vida. Mal terminou a aula, arrumou as coisas e esperou por Chris.

Quando se aproximaram da porta, viu dois homens vestidos de negro que os flanquearam, de imediato, fitando-a.

Chris emitiu um som desagradado.

Cassandra riu, contra sua vontade.

— Estão contigo?

— Gostava realmente de poder dizer que não.

Ela tocou-lhe no braço, com simpatia. Fez um sinal com o queixo apontando para o fundo do corredor, onde Kat se encontrava, já de pé, a guardar o livro.

— Também tenho um.

Chris sorriu.

— Graças a Deus, não sou o único.

— Nah, não te preocupes com isso. Já te disse que te entendo completamente.

O alívio no rosto dele era tangível.

— Então quando é que queres estudar?

— Que tal agora?

— Está bem. Onde?

Só havia um lugar onde Cassandra estava mortinha por entrar. Esperava que lhe fornecesse mais pistas sobre o homem que tinha conhecido na noite anterior.

— Em tua casa?

O nervosismo dele regressou de imediato, confirmando as suas suspeitas.

— Não sei se isso é muito boa ideia.

— Porquê?

— Eu... é que... eu, hum, só não acho que seja uma boa ideia, está bem?

Sentindo-se num beco sem saída, Cassandra obrigou-se a esconder a irritação que sentia. Tinha de avançar com cuidado se queria ultrapassar as defesas dele. Mas ela compreendia-o. Afinal, também tinha os seus segredos.

— Está bem, escolhe tu o local.

— A biblioteca?

Ela indignou-se.

— Nunca me consigo sentir confortável. Estou sempre com medo que me mandem calar. Queres ir até ao meu apartamento?

Ele parecia completamente atordoado pela oferta.

— A sério?

— Claro. Quer dizer, normalmente não mordo, nem nada assim.

Ele riu.

— Pois, eu também não. — Avançou dois passos, depois voltou-se para os homens que os seguiam. — Vamos só até casa dela, está bem? Porque é que não vão comer um donut ou assim?

Eles não lhe ligaram nenhuma.

Kat riu.

Cassandra conduziu-os até ao parque de estacionamento dos alunos e explicou a Chris como chegar ao seu apartamento.

— Encontramo-nos lá?

Ele acenou e seguiu na direção de um *Hummer* encarnado.

Cassandra entrou no *Mercedes* cinzento, onde Kat se encontrava à espera, no lugar do condutor. Dirigiram-se para casa, esperando Cassandra que Chris não demorasse muito ou, pior, mudasse de ideias.

Pelo menos, não antes que tivesse oportunidade de vasculhar a sua mochila.

FORAM precisas duas horas de entediante estudo de *Beowulf* e uma cafeteira cheia de café para que Chris a deixasse sozinha com a mochila, enquanto ia à casa de banho. Kat tinha-se há muito retirado para o quarto, alegando que aquela língua morta e o entusiasmo de Chris lhe estavam a dar dores de cabeça.

Mal Chris desapareceu, Cassandra lançou-se na sua busca.

Felizmente, não demorou muito a encontrar o que procurava

Descobriu o *organizer* na mochila, onde antes o vira. A capa era de cabedal trabalhado à mão, com um estranho emblema na parte da frente: um arco duplo e uma seta, inclinados para cima, a ponta da seta a apontar para a direita.

Tal como o símbolo que vira no ombro de Wulf, durante o sonho.

Passou a mão pelo cabedal castanho, depois abriu-o e descobriu que tudo estava escrito em caracteres rúnicos. A linguagem era semelhante ao inglês antigo, mas ela não era capaz de a ler.

— Talvez se tratasse de nórdico antigo?

— O que estás a fazer?

Ela saltou perante o tom ríspido da pergunta de Chris. Foram precisos poucos segundos para pensar em algo para dizer que não o deixasse ainda mais desconfiado.

— És um daqueles jogadores, não és?

O olhar azul dele estreitou-se sobre ela e tornou-se aguçado.

— De que é que estás a falar?

— Eu... hum, fui a um *site* chamado Predadores da Noite e descobri uns *teasers* sobre uma série de livros e um jogo. Como tinha visto o teu *organizer*, antes, estava a perguntar-me se eras um dos membros que lá jogam.

Percebeu que ele estava a analisar a sua própria mente e o rosto dela para ver o que deveria dizer, se é que deveria dizer alguma coisa.

— Sim, um amigo meu, o Nick, dirige o *site* — disse, depois de uma longa pausa. — Há muitas pessoas interessantes a jogar lá.

— Pude ver. Tens um nome, tipo, Hellion ou Rogue, que usas quando jogas?

Ele avançou e retirou-lhe o *organizer* das mãos.

— Não, uso apenas “Chris”.

— Ah! E o que é que se passa nas áreas reservadas?

— Nada — disse ele, um pouco depressa de mais. — Juntamo-nos a dizer umas tretas uns aos outros.

— Então porque é que é reservado?

— É-o, simplesmente. — Tirou-lhe o livro da mão e enfiou-o na mochila. — Ouve, tenho de ir agora. Boa sorte com o teste.

Cassandra queria impedi-lo e fazer-lhe mais perguntas, mas era dolorosamente óbvio que ele não tinha qualquer intenção de lhe dar a conhecer mais nada sobre eles ou sobre si.

— Obrigada, Chris. Agradeço mesmo a ajuda.

Ele acenou e saiu rapidamente.

Sozinha na cozinha, Cassandra sentou-se numa cadeira, roendo a unha do polegar, enquanto considerava o que fazer a seguir. Pensou em seguir Chris até sua casa, mas isso não serviria de muito. Os guarda-costas dele apanhá-la-iam de certeza, mesmo com a louca condução de Kat.

Levantando-se, dirigiu-se ao portátil que se encontrava no seu quarto e ligou-o.

Muito bem, o *site* dos Predadores da Noite tinha sido construído como se os Predadores da Noite fossem personagens de um livro. A maior parte das pessoas aceitá-lo-ia, mas e se ela o voltasse a analisar, partindo do princípio que nada daquilo era falso?

Tinha passado a vida escondida e uma coisa que tinha aprendido era que o melhor local para se esconder é à vista de todos. As pessoas tendiam a não ver aquilo que estava mesmo à sua frente.

E mesmo quando o viam, procuravam formas de o explicar. Diziam que eram truques da mente ou partidas de crianças.

Sem dúvida, os Predadores da Noite tinham pensado o mesmo. Afinal de contas, no mundo moderno sabiam o que eram vampiros e demónios, considerando-os um mito de Hollywood, não tendo que se esconder. A maior parte das pessoas tomá-los-ia como excêntricos.

Assistiu à introdução do *site*, depois passou para as páginas referentes aos Predadores listados.

Uma delas pertencia a uma personagem chamada Wulf Tryggvason, cujo Escudeiro se chamava Chris Eriksson. Wulf era, supostamente, um guerreiro viking que tinha sido amaldiçoado.

Cassandra copiou o nome de Wulf e, depois, fez uma busca no Nills-trom: um motor de busca de lendas e história nórdica antiga.

— Bingo — sussurrou quando lhe surgiram várias entradas.

Nascido de mãe cristã gaulesa e pai nórdico, Wulf Tryggvason tinha sido um aventureiro e saqueador de renome de meados do século VIII, de cuja morte não havia registo. De facto, a única coisa que dizia era que tinha desaparecido, um dia, depois de ter ganho uma batalha contra um senhor da guerra merciano que o estava a tentar matar. A crença popular dizia que um dos filhos do senhor da guerra o tinha matado nessa noite, por vingança.

Cassandra ouviu a porta do quarto abrir-se. Olhando para cima, viu Kat, de pé, à porta.

— Estás ocupada? — perguntou Kat.

— Só estou a investigar um pouco mais.

— Ah! — Kat avançou para ler por cima do ombro dela. — “Wulf Tryggvason. Pirata, aventureiro e guerreiro, lutou por toda a Europa, colocando-se ao serviço tanto de cristãos como de pagãos. Escreveu-se outrora que a sua única lealdade era para com a sua espada e para com o irmão Erik, que viajava com ele.” Interessante. Achas que pode ser o tipo que viste no Inferno?

— Talvez. Alguma vez ouviste falar dele?

— Nunca. Queres que pergunte ao Jimmy? Ele é fanático por história viking.

Cassandra considerou a proposta por um segundo. O amigo de Kat pertencia à Sociedade do Anacronismo Criativo e vivia para o estudo da cultura viking.

Mas não era no passado de Wulf que estava interessada, naquele momento. Era no seu presente e o que queria mais do que tudo era uma morada atual.

— Não é preciso.

— Tens a certeza?

— Sim.

Kat acenou.

— Então, está bem, vou voltar para o meu quarto e terminar o meu livro. Queres que te traga alguma coisa para trincar ou para beber?

Cassandra sorriu com a oferta.

— Pode ser uma gasosa.

Kat desapareceu, regressando segundo depois com uma *Sprite*. Cassandra agradeceu-lhe, depois voltou ao trabalho, enquanto Kat a deixava em paz.

Cassandra foi tragando distraidamente a sua bebida enquanto navegava. Cerca de uma hora depois, estava tão cansada que não era capaz de manter os olhos abertos.

Bocejando, olhou para as horas. Pouco passava das cinco e meia. Ainda assim, sentia as pálpebras tão pesadas que não conseguia manter-se acordada, por muito que tentasse.

Desligou o computador e depois dirigiu-se para a cama, para dormir uma sesta.

Adormeceu mal tocou com a cabeça na almofada. Normalmente, Cassandra não sonhava muito quando dormia durante a tarde.

Agora era completamente diferente.

Agora os sonhos começavam mal fechava os olhos.

Que estranho...

Mas a parte mais estranha era o facto de aquele reino fantástico não ter qualquer semelhança com o que já antes sonhara. Em vez dos seus sonhos normais, de *glamour* ou horror, aquele era um sonho pacífico. Suave. E enchia-a de calor e segurança.

Envergava um vestido verde-escuro, macio, como se fosse uma dama medieval. Franzindo o sobrolho, passou a mão sobre o material, que era mais suave que camurça.

Sozinha, no interior de um casebre de pedra, em cuja grande lareira ardia um fogo quente, estava de pé, junto a uma mesa de madeira antiga. Os ventos uivavam do outro lado de uma janela coberta por uma portada de madeira que batia ruidosamente, enquanto tentava manter no exterior os ventos inverniais.

Ouviu alguém na porta atrás de si.

Cassandra voltou-se a tempo de ver Wulf abri-la com o ombro. O coração dela parou quando o viu envergando uma espécie de cota de malha. Os braços enormes estavam expostos e o torso e a cota estavam cobertos por uma túnica de cabedal, onde tinham sido gravados desenhos nórdicos. Os desenhos combinavam com a tatuagem que lhe cobria o ombro e o bíceps direitos.

O elmo cónico cobria-lhe a cabeça e dele pendia uma cota de malha que lhe caía sobre o rosto, obscurecendo-o quase por inteiro. Não fossem os olhos intensos e quentes, e ela nunca teria percebido que era Wulf. Numa mão segurava um pequeno machado de guerra, que descansava encostado ao ombro. Tinha um aspeto primitivo e selvagem. O tipo de homem que outrora dominara o mundo. Um homem que não tinha medo de nada.

O seu olhar negro percorreu a divisão, depois parou sobre ela. Viu um sorriso lento e sedutor abrir-se-lhe na metade inferior do rosto, exibindo as presas.

— Cassandra, minha amada — saudou, a voz quente e encantadora.
— Que fazes aqui?

— Não faço ideia — respondeu ela, com honestidade. — Nem sequer sei o que é *aqui*.

Ele riu, um som profundo e ribombante, depois fechou a porta e trancou-a.

— Estás em minha casa, *villkat*. Pelo menos naquela que foi a minha casa, há muito tempo.

Ela olhou em seu redor, para o espaço de aspeto espartano, mobilado com uma mesa, cadeiras e uma cama muito grande coberta de peles.

— Estranho, pensei que Wulf Tryggvason tivesse um sítio melhor para chamar seu.

Ele pousou o machado sobre a mesa, depois removeu o elmo e colocou-o em cima do machado.

Cassandra ficou sem palavras perante a beleza masculina do homem que se erguia à sua frente. Ele exsudava uma sensualidade crua com a qual ninguém poderia rivalizar.

— Comparado com a pequena quinta onde cresci, isto é uma mansão, minha senhora.

— A sério?

Ele acenou, enquanto a puxava contra si. Os seus olhos queimavam-na e enchiam-na de um desejo profundo e ardente. Sabia exatamente o que ele queria e, embora quase não o conhecesse, estava mais do que disposta a dar-lho.

— O meu pai foi, um dia, um saqueador destemido que fez um voto de pobreza anos antes do meu nascimento — disse Wulf, com a voz rouca.

A confissão dele surpreendeu-a.

— O que o levou a fazer isso?

Ele apertou-a com mais força.

— A desgraça de todos os homens, temo. O amor. A minha mãe era uma escrava cristã capturada que lhe tinha sido dada pelo pai depois de uma das suas incursões. Ela enfeitiçou-o e, no fim, domou-o e transformou aquele que fora um dia um guerreiro orgulhoso num agricultor dócil que se recusava a erguer a espada, não fosse ofender o seu recém-encontrado Deus.

Ela conseguia ouvir as emoções cruas na voz dele. O desprezo que sentia por alguém que escolhera a paz em vez da guerra.

— Não concordas com a escolha dele?

— Não, de que serve um homem que é incapaz de se proteger e aos que ama? — Os olhos dele ficaram negros, mortais. A raiva neles contida fê-la tremer. — Disseram-me que, quando os Jutos vieram à nossa pobre aldeia para a pilhar e para reunir escravos, ele ergueu as mãos e deixou que o trespassassem. Todos os sobreviventes escarneceram dele, devido à

sua cobardia. Ele que, antes, tinha feito os inimigos tremer de terror com a simples menção do seu nome, morreu como uma cria indefesa. Nunca compreendi como pôde ficar imóvel e receber o golpe final sem se tentar defender.

Ela ergueu a mão para alisar a testa dele com os dedos, à medida que ia sentindo a sua dor. No entanto, não era ódio nem condenação o que lhe ouvia na voz. Era culpa.

— Lamento muito.

— Também eu — sussurrou ele, os olhos ainda mais tempestuosos. — Como se não tivesse sido suficientemente mau tê-lo deixado para morrer, também levei comigo o meu irmão. Não restava ninguém que o protegesse na nossa ausência.

— Onde estavam?

Ele baixou os olhos para o chão, mas ela ainda conseguia ver que se recriminava a si mesmo. Queria voltar atrás e mudar esse momento, tal como ela desejara apagar a noite em que os Spathi lhe tinham matado a mãe e as irmãs.

— Tinha partido no verão anterior em busca de guerra e riquezas. — Soltou-a e percorreu com os olhos a casa modesta. — Depois de ter recebido notícia da sua morte, as riquezas deixaram de me interessar. Apesar dos nossos desentendimentos, devia ter estado lá, com ele.

Ela tocou-lhe no braço desnudo.

— Deves ter amado muito o teu pai.

Ele soltou um suspiro cansado.

— Por vezes. Noutras ocasiões odiei-o. Odiei-o por não ser o homem que devia ter sido. O pai dele era um *jarl* respeitado e, no entanto, vivíamos como pedintes esfomeados. Escarnecidos e cuspidos pelos nossos parentes. A minha mãe tinha orgulho nos insultos, dizendo que era a vontade de Deus que sofrêssemos. Devia, de alguma forma, fazer de nós pessoas melhores, mas nunca acreditei nela. A devoção cega do meu pai às crenças dela só me deixava ainda mais furioso. Lutávamos, ele e eu, constantemente. Ele queria que eu seguisse as suas pisadas e que aceitasse os abusos sem nada dizer.

O tormento nos olhos dele tocou-a ainda mais que a suavidade da sua mão sobre a dela.

— Ele queria que eu fosse algo que não era. Mas eu não podia dar a outra face. Nunca estive na minha natureza não responder a um insulto com um insulto. A um golpe com um golpe.

Ele voltou-se e olhou para ela, de sobrolho franzido.

— Porque é que te estou a contar isto?

Cassandra pensou nisso por um segundo.

— O sonho, decerto. Está, provavelmente, a decorrer na tua mente.
— Embora o porquê de estar no sonho *dele* fosse algo que não conseguia imaginar.

Na verdade, aquele sonho estava a ficar mais estranho a cada minuto e ela não conseguia compreender porque é que o seu subconsciente a levava até ali.

Porque é que estaria a conjurar aquela fantasia sobre o seu misterioso Predador da Noite ?

Ele acenou.

— Sim, sem dúvida. Temo estar a fazer com Christopher o que, um dia, foi feito comigo. Devia deixá-lo viver a sua vida, sem interferir tantas vezes nas suas escolhas.

— Porque não o fazes?

— Honestamente?

Ela sorriu.

— Prefiro a honestidade às mentiras, sem dúvida.

Ele deu uma gargalhada leve, depois o rosto assumiu, mais uma vez, uma expressão séria.

— Não quero perdê-lo também a ele. — A voz dele era tão profunda e carregada de dor que lhe fez doer o coração. — E, no entanto, sei que não tenho outra alternativa a não ser perdê-lo.

— Porquê?

— Todos morrem, minha senhora. Pelo menos no reino mortal. No entanto, eu continuo, enquanto tudo à minha volta morre, uma e outra vez. — Ergueu o olhar até ao dela. A agonia no seu rosto, tocou-a profundamente. — Fazes ideia do que é segurar aqueles que amas nos braços, enquanto morrem?

O peito de Cassandra ficou apertado enquanto pensava na morte da mãe e das irmãs. Tinha desejado ir até elas depois da explosão, mas o guarda-costas tinha-a puxado para longe, enquanto ela uivava de dor pela sua perda.

“É demasiado tarde para as ajudar, Cassie. Temos de fugir.”

A sua alma tinha gritado nesse dia.

Por vezes ainda gritava, perante a injustiça da sua vida.

— Sim, sei — sussurrou ela. — Também eu vi todos aqueles que amo morrerem. O meu pai é tudo o que me resta.

O olhar dele aguçou-se.

— Então imagina fazê-lo milhares de vezes, século após século. Imagina o que é vê-los nascer, viver e depois morrer enquanto tu permaneces e repetes tudo outra vez a cada nova geração. De cada vez que vejo morrer um membro da minha família, é como se visse o meu irmão Erik morrer

outra vez. E o Chris. — Estremeceu, como se a simples menção do nome de Chris lhe provocasse dor. — É o meu irmão, no rosto e no corpo. — Um dos cantos da boca ergueu-se, divertido. — E na boca, tanto como no temperamento. De todos os familiares que perdi, acho que a sua morte será a mais difícil de suportar.

Ela viu a vulnerabilidade nos seus olhos, e o facto de um homem tão feroz ter um defeito tão humano afetou-a profundamente.

— Ele ainda é jovem. Tem toda a vida pela frente.

— Talvez, mas o meu irmão tinha apenas vinte e quatro anos quando foi morto pelos nossos inimigos. Nunca esquecerei a expressão no jovem rosto do filho dele, Bironulf, quando viu o pai cair na batalha. Tudo aquilo em que conseguia pensar era em salvar o rapaz.

— É óbvio que conseguiste.

— Sim, jurei que não deixaria morrer Bironulf como o seu pai morrera. Mantive-o em segurança, durante toda a sua vida, e ele morreu um homem velho, enquanto dormia. Pacificamente. — Parou por um momento. — Suponho que acabei por seguir as crenças da minha mãe, mais do que as do meu pai. Os Nórdicos acreditam que devem morrer ainda jovens, no campo de batalha, para que possam entrar nos salões de Valhalla, mas, tal como a minha mãe, queria um destino diferente para aqueles que amava. É pena só ter compreendido os seus sentimentos demasiado tarde.

Wulf abanou a cabeça como se quisesse afastar aqueles pensamentos. Franziu o sobrolho.

— Não consigo acreditar que estou a pensar nisto quando tenho comigo uma dama tão bela. Devo estar mesmo a ficar velho se prefiro falar em vez de agir — disse com uma gargalhada profunda. — Já chega de pensamentos mórbidos.

Puxou-a violentamente contra si.

— Agora, porque é que estamos a perder o nosso tempo, quando o podíamos estar a gastar de forma bem mais produtiva?

— Produtiva, como?

O sorriso dele era matreiro, quente e devorador.

— Estava a pensar que a minha língua podia ser utilizada de forma bem melhor. Que me dizes?

Percorreu o dito membro pelo pescoço dela até lhe poder morder a orelha. A respiração quente escaldava-lhe o pescoço, provocando-lhe arrepios.

— Oh, sim — sussurrou ela. — Estou a pensar que este é um uso bem melhor para a tua língua.

Ele riu, enquanto lhe desapertava a parte de trás do vestido. Lenta, sedutoramente, fê-lo descer pelos ombros e cair direito no chão. O tecido

deslizou pela sua pele de forma sensual, à medida que lhe expunha o corpo e o ar frio a acariciava.

Nua à frente dele, não foi capaz de suprimir um tremor profundo. Era tão estranho estar assim, exposta, enquanto ele se erguia à sua frente envergando uma armadura. A luz da lareira brincava nos seus olhos negros.

Wulf fitava a beleza sem adornos da mulher que se encontrava à sua frente. Era ainda mais sensual do que lhe tinha parecido da última vez que sonhara com ela. Passou a mão pelo seu seio, com ternura, deixando o mamilo tocar-lhe a palma da mão.

Ela fazia-o recordar Saga, a deusa nórdica da poesia. Elegante, refinada. Gentil. Coisas que ele desdenhara, enquanto mortal.

Agora sentia-se cativado por ela.

Ainda não sabia porque tinha confiado nela. Não era seu costume falar tão livremente e, no entanto, ela seduzira-o.

Mas ele não queria fazer amor com ela ali. Não no passado, onde as suas memórias e a culpa que sentia devido àqueles que tinha dececionado o dilaceravam.

Ela merecia melhor do que aquilo.

Fechando os olhos, transportou-os para uma cópia do seu quarto moderno. Só que fez algumas modificações.

Cassandra ficou de boca aberta, quando se afastou um pouco e olhou à sua volta. As paredes que os rodeavam eram de um preto brilhante com contornos brancos, com exceção da parede direita, constituída de cima a baixo por janelas. Estas, abertas, estavam enquadradas por cortinas brancas transparentes que flutuavam ao vento, estendendo-se na sua direção e fazendo dançar a chama das dezenas de velas que iluminavam o quarto.

Mas as velas não se apagavam. Tremeluziam por todo o lado como estrelas.

No centro do quarto encontrava-se uma cama grande, sobre uma plataforma elevada. Tinha lençóis de seda preta e um grosso cobertor preto do mesmo material cobria o edredão. A cama era feita de ferro forjado, ornamentado, que formava um intrincado dossel entre os quatro postes. Em seu redor encontrava-se mais daquele material, transparente e branco, deixado a esvoaçar ao vento.

Wulf estava agora nu. Tomou-a nos braços e levou-a na direção da cama enorme e convidativa.

Cassandra suspirou ao sentir o colchão suave, por baixo de si, enquanto o peso de Wulf a cobria. Era como ser pressionada contra uma nuvem.

Erguendo os olhos, riu ao compreender que havia um espelho no teto, e viu que Wulf segurava uma rosa de caule longo atrás das costas.

As paredes tremeluziram e também elas se transformaram em espelhos.

— De quem é esta fantasia? — perguntou, quando Wulf passou a rosa para a frente e roçou as pétalas sobre o mamilo entumescido do seu seio direito.

— Nossa, *blomster* — disse Wulf enquanto lhe afastava as coxas e colocava o corpo grande entre as pernas dela.

Ela gemeu perante a sensação rica de ter todo o seu poder sensual sobre ela. Os pelos masculinos do corpo dele provocavam os dela numa sobrecarga de êxtase sensual.

Ele movia-se sobre ela de forma sinuosa, como um animal escuro e antigo que estava determinado a consumi-la.

Cassandra viu-o mover-se pelo espelho sobre ela. Como era estranho que ela o tivesse criado nos seus sonhos. Sempre fora tão cuidadosa durante a sua vida. Sempre tivera tanto cuidado em relação a quem permitia que a tocasse. Por isso tinha conjurado um amante glorioso no seu subconsciente, quando não se atrevia a tê-lo na sua vida real.

Graças à sua sentença de morte, não queria que ninguém se apaixonasse ou preocupasse com ela. Não queria dar à luz uma criança que a chorasse. Uma criança que seria deixada sozinha, assustada.

Caçada.

A última coisa que queria era deixar alguém como Wulf para trás, a sofrer com a sua morte. Alguém que tivesse que ver o filho morrer no auge da sua juventude por causa de uma maldição que nada tinha a ver com as suas ações.

Mas, nos seus sonhos, ela era livre para o amar com o seu corpo. Ali não havia medo. Não havia promessas. Não havia corações para partir.

Apenas eles os dois e aquele momento único e perfeito.

Wulf rosnou no fundo da garganta enquanto lhe mordiscava o mamilo. Ela silvou e tomou a cabeça dele nas suas mãos. Ele deixou que a suavidade das mãos dela no seu cabelo o acalmassem.

Tinha vagueado pelo passado durante tanto tempo. Sempre à procura daquela que o tinha enganado e levado a trocar de lugar com ela. Não estava no seu destino tornar-se um Predador da Noite. Nunca tinha entregado a alma a Ártemis, nem tinha recebido um Ato de Vingança em troca do seu serviço.

Wulf estava em busca de alguém que ajudasse a acalmar a dor que sentia pela morte do irmão. Um corpo terno onde se pudesse afundar e esquecer, por um momento, que tinha guiado Erik para a batalha, para longe da sua terra natal.

Morginne tinha parecido a resposta perfeita. Estava tão ansiosa por possuí-lo como ele a ela.

Mas, na manhã depois da única noite que passara com a Predadora da Noite, tudo mudara. De alguma forma, durante o seu encontro sexual ou logo depois, ela tinha trocado de alma com ele. Tendo deixado de ser mortal, descobriu-se nascido para uma nova vida.

Além disso, fora violentamente amaldiçoado por Morginne, para que mortal algum se pudesse lembrar dele. Entretanto, ela tinha escapado ao serviço de Ártemis para poder passar a eternidade com o deus nórdico Loki.

A maldição com que se despedira fora o golpe mais cruel de todos e era algo que ainda não conseguia compreender.

Nem mesmo o sobrinho Bironulf o reconhecera.

Wulf teria ficado completamente perdido se Acheron Parthenopaeus não se tivesse compadecido da sua situação. Acheron, líder dos Predadores da Noite, tinha-lhe dito que ninguém podia desfazer a maldição de Morginne mas que a podia modificar. Tomando uma gota do sangue de Bironulf, Acheron fez com que todos aqueles que partilhassem do seu sangue se recordassem de Wulf. Além disso, o atlante dera a Wulf poderes psíquicos e explicara-lhe que se tinha tornado imortal, não deixando de referir as suas novas limitações, como a sensibilidade à luz do Sol.

Enquanto Ártemis guardasse a “nova” alma de Wulf, ele não tinha outra escolha senão servi-la.

Ártemis não tinha qualquer intenção de o deixar partir. Não que ele se tivesse importado. A imortalidade tinha os seus benefícios.

A mulher sob ele era sem dúvida um deles. Passou as mãos pela coxa dela e ouviu-a respirar. Ela sabia a sal e feminilidade. Cheirava a *rouge* e rosas.

O odor e o sabor dela agitavam-no de uma forma que nunca antes conhecera. Pela primeira vez em séculos, sentia-se possessivo em relação a uma mulher.

Queria mantê-la. O viking dentro dele rugia, regressando à vida. Nos seus tempos de humano, tê-la-ia levado consigo e matado qualquer um que se atrevesse a tentar separá-los.

Mesmo depois de todos aqueles séculos, não estava mais próximo de ser civilizado. Tomava aquilo que queria. Sempre.

Cassandra murmurou no momento em que Wulf a tomou na sua boca. Todo o corpo dela ardia de desejo por ele. Arqueou as costas e observou-o no espelho por cima das camas.

Nunca vira nada mais erótico do que a imagem de Wulf a provocá-la enquanto os músculos das suas costas se fletiam. Podia ver cada centímetro

do seu corpo bronzeado e nu, enquanto ele lhe dava prazer. E ele tinha um corpo incrível.

Um corpo que ela queria tocar.

Colocando as pernas por baixo do corpo dele, usou os pés para acariciar suavemente o membro rijo e comprido.

Ele rosnou em resposta.

— Tens pés muito talentosos, *villkat*.

— É para te tocar melhor — disse ela, com a voz leve enquanto pensava que se sentia como o Capuchinho Vermelho, prestes a ser devorado pelo Lobo Mau.

O riso dele juntou-se ao dela. Ela enterrou as mãos na ondulação suave do cabelo dele e deixou-o fazer com ela o que queria. A língua dele era a coisa mais incrível que ela alguma vez sentira, rodopiando sobre ela. Lambendo, provocando, provando.

Precisamente quando achou que não se podia sentir melhor, ele deslizou dois dedos profundamente dentro dela.

Cassandra atingiu de imediato o clímax.

Ainda assim, ele continuou a acariciá-la até ela se sentir a arder e fraca de prazer.

— Hum — sussurrou ele, afastando-se dela. — Acho que a minha gatinha tem fome.

— Estou esfomeada — disse ela, puxando-o para cima do seu corpo, para que pudesse saborear a pele dele como ele saboreara a sua.

Enterrou os lábios no pescoço dele e mordiscou com todo o seu ser, com toda a fome desesperada que sentia por ele. O que é que tinha aquele homem que a deixava louca de desejo? Ele era magnífico. Quente. Sensual. Ela nunca desejara ninguém daquela maneira.

Wulf não suportava a forma como ela o agarrava. Deixava-o louco por ela. Aumentava-lhe o desejo até se sentir quase tonto.

Incapaz de o tolerar durante mais tempo, fê-la rebolar até ficar de lado e penetrou-a.

Cassandra gritou perante o prazer inesperado que a encheu. Deitada completamente de lado, nunca sentira um homem dentro de si naquela posição. Wulf estava enterrado nela de tal forma que podia jurar que o sentia até ao útero.

Observou-o na parede espelhada enquanto ele se lançava contra ela, uma e outra vez, cada vez mais fundo, até ela querer gritar de prazer.

O poder e a força dele eram diferentes de tudo o que já sentira. Cada movimento dele deixava-a fraca, sem fôlego.

Ela atingiu o clímax um instante antes dele.

Wulf afastou-se dela e deitou-se ao seu lado. O coração batia acelera-

do com a fúria da sua paixão. Mas ainda assim não estava saciado. Estendendo o braço até ela, puxou-a sobre o peito de forma a senti-la com cada centímetro do seu corpo.

— És espantosa, *villkat*.

Ela tocou-lhe no peito com o rosto.

— Também não és nada mau, *villwulf*.

Ele riu perante o carinhoso termo inventado. Gostava mesmo daquela mulher e do seu espírito.

Cassandra estava deitada, em paz, nos braços de Wulf. Pela primeira vez na sua vida, sentia-se completamente segura. Como se nada nem ninguém lhe pudesse tocar. Nunca se sentira assim. Nem mesmo em criança. Tinha crescido com medo sempre que um desconhecido lhe batia à porta.

Cada estranho estava sob suspeita. De noite, podia facilmente tratar-se de um *daemon* ou de um *apollite* que a quisesse ver morta. De dia, podia ser um Doulos atrás dela.

Mas algo lhe dizia que Wulf não deixaria que a ameaçassem de todo.

— *Cassandra*?

Ela franziu o sobrolho, perante a voz de mulher que se intrometia no seu sonho.

— *Cassandra*?

Contra a sua vontade, foi arrastada para fora do sonho, apenas para se descobrir a dormir na própria cama.

Podia ouvir baterem à porta.

— *Cass*? Estás bem?

Reconheceu a voz de Michelle. Acordar o suficiente para se sentar na cama foi uma luta.

Estava nua, uma vez mais.

Franzindo o sobrolho, Cassandra viu as roupas enroladas num monte. Que raio se estava a passar? Teria sido uma crise de sonambulismo ou algo assim?

— Estou aqui, *Chel* — disse enquanto se levantava e vestia o roupão de banho vermelho. Abriu a porta e descobriu a amiga e *Kat* do outro lado.

— Estás bem? — perguntou *Michelle*.

Bocejando, Cassandra esfregou os olhos.

— Estou ótima. Só estava a dormir uma sesta.

Mas não se sentia ótima. Sentia-se mais como se estivesse sob o efeito de um narcoléptico.

— Que horas são?

— São oito e meia, querida — disse *Kat*.

Michelle olhou para uma e para a outra.

— Vocês disseram que iam ao Inferno comigo, mas se não estiverem dispostas...

Cassandra percebeu a decepção na voz de Michelle.

— Não, não, está tudo bem. Deixa-me só vestir e já vamos.

Michelle resplandeceu.

Kat olhou para ela, desconfiada.

— Tens a certeza de que te sentes capaz?

— Estou ótima, a sério. Não dormi bem a noite passada e estava a precisar de uma sesta.

Kat emitiu um som rude.

— Foi todo aquele *Beowulf* que tu e o Chris estiveram a ler. Sugou-te a energia. *Beowulf*... incubo... tudo a mesma coisa.

Ora, aquilo era um pouco parecido de mais com a verdade para Cassandra.

Riu, nervosa.

— Sim. Saio dentro de poucos minutos.

Cassandra fechou a porta e virou-se para as roupas amarrotadas.

O que é que se estava a passar ali?

Seria *Beowulf* realmente um incubo?

Talvez...

Afastando o pensamento ridículo, pegou nas roupas e acrescentou-as ao cesto da roupa suja, depois vestiu um par de calças de ganga e uma camisola azul-escura.

Quando se estava a preparar para sair, sentiu um arrepio estranho. Ia acontecer qualquer coisa nessa noite. Ela sabia-o. Não tinha os poderes psíquicos da mãe, mas tinha pressentimentos fortes sempre que algo bom ou mau estava prestes a acontecer.

Infelizmente, não era capaz de distinguir um do outro até ser demasiado tarde.

Mas ia acontecer algo nessa noite, disso tinha a certeza.